

O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, maio de 2008 • Ano 18 • Nº 45 • R\$ 5,00

www.otremdahistoria.com.br

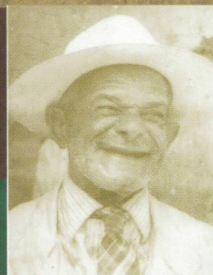


A ORIGEM INDÍGENA DE ARAXÁ



A HISTÓRIA DA
ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

O PODER JUDICIÁRIO - PARTE 2




GENTE
ESPECIAL

MENSAGEM DO PREFEITO

Em nome de Araxá, registro o nosso reconhecimento ao **poder judiciário** e aos **dentistas** que, com competência e seriedade, exerceram suas profissões, aqui e fora de Araxá, na primeira metade do século XX.

Aos descendentes dos antigos **povos indígenas** que habitaram estas terras, o agradecimento pelo apoio na divulgação da história dos primeiros tempos em Araxá. Precioso material.

À **gente especial** o nosso abraço, nosso carinho e nossa saudade.



Antônio Leonardo Lemos Oliveira

Prefeito Municipal



O Trem da HISTÓRIA



Prefeitura Municipal de Araxá
Prefeito
Antônio Leonardo Lemos Oliveira



Fundação Cultural Calmon Barreto
Presidente
Magaly Cunha Porfírio Borges

Setor Administrativo-Financeiro
José Antônio de Ávila Oliveira
Danúbio Júnior da Silva

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
Cecília Angélica Machado de Paiva
Keyla Barbosa Machado
Silvana Ap. Alves Borges Batista

Setor de Artesanato
Fernanda Alves Barcelos

Setor de Projetos Especiais
Terezinha de Oliveira Lemos
Tancredo Borges Guimarães

Setor de Eventos
Leane Maria de Figueiredo Castro
Luciana Maria Fernandes

Departamento da Escola de Música
Maestro Elias Porfírio de Azevedo
Maria Leonor Teixeira Lemos

Jornalista Responsável
Wallace de Resende Torres
Registro: MG-06.343 JP

Secretária de Redação
Keyla Barbosa Machado

Revisão
Antônia Verçosa

Lay-Out e Arte Final
DaVinci Comunicação Integrada

Capa
Vanilda, Heráclita, Claudenise, Elizabete, José Eustáquio,
Edson, Jair e Francisco Natalino. Descendem dos remanescentes
indígenas de Araxá, 2008. FOTO: JOÃO LIMA.

Impressão
Gráfica Planeta

Praça Arthur Bernardes, 10 — Araxá/MG — 38.183-218
Fones: (34) 3691-7092 — 3691-7164
e-mail: fccb.araxa@gmail.com

As informações contidas nesta revista podem
ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Visitem os sites:
www.otremdahistoria.com.br

www.usr.cd-graf.com.br/~barreto/
www.araxa.mg.gov.br/secretarias/fccb

PRIMEIRAS PALAVRAS

Somos gratos. Gratos à boa-vontade dos que nos ajudaram a trabalhar “O Trem da História” através de informações e depoimentos. Assim, nos foi possível remontar algumas peças do mosaico araxaense que fala de um tempo que se foi.

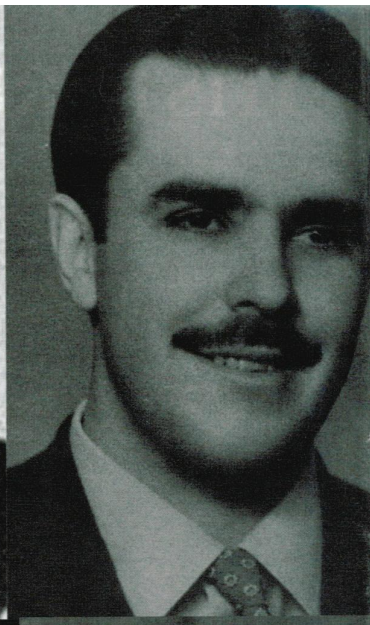
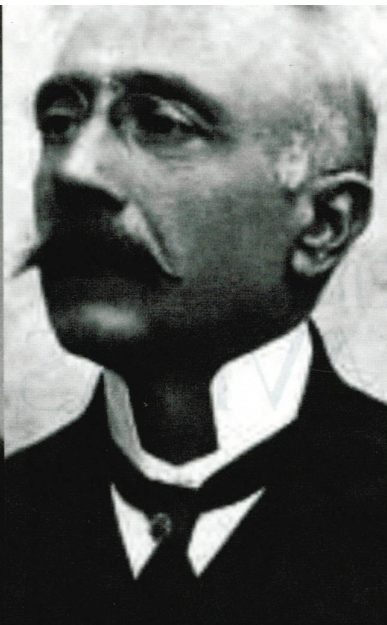
Importante, também, historiarmos para o futuro, contribuindo para os pesquisadores de amanhã, tempo em que o hoje fará parte de um passado distante.

História é cultura. Um povo sem memória não tem identidade. Só conta o hoje. Amanhã já não existirá mais.

Escrever. Escrever sempre. É indiscutível o poder das palavras.

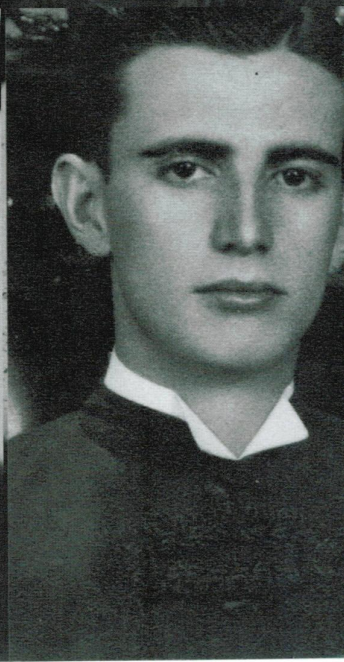
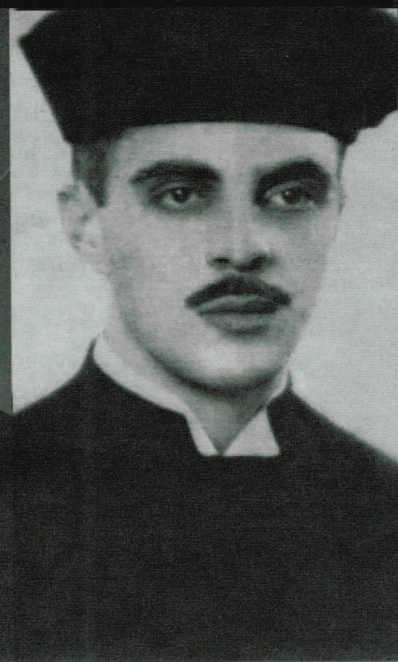
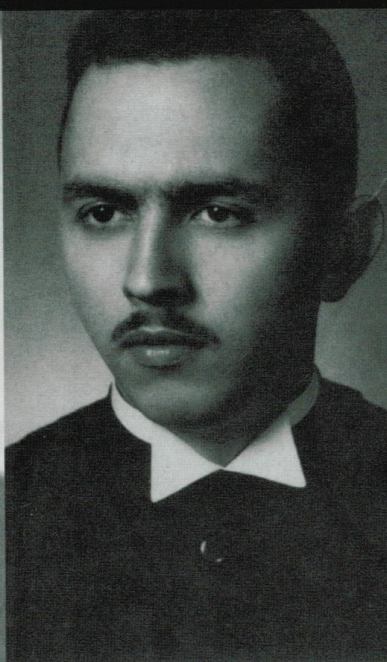
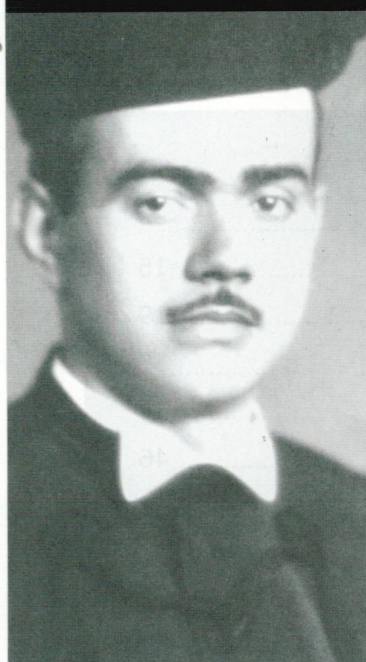
NESTA EDIÇÃO

O Poder Judiciário em Araxá - parte II	4
Origem Indígena de Araxá.....	15
A História da Odontologia.....	19
Gente Especial.....	38
Oficina da História	44
Agradecimentos.....	46



O PODER JUDICIÁRIO EM ARAXÁ - 2ª PARTE

Dando continuidade à matéria O Poder Judiciário em Araxá, veiculada na última edição (n.º 44), apresentamos a seguir a 2ª Parte dos advogados formados até 1960.



WALTER MACHADO

JUIZ DE DIREITO

MARIA TRINDADE COUTINHO RESENDE GOULART

Nasceu em 31 de maio de 1913 na cidade mineira de Patrocínio. Era filho de Teodorico Machado de Miranda e de Augusta Dias de Miranda.

Iniciou e concluiu o curso ginásial no Colégio Mineiro de Barbacena. Foi aprovado em primeiro lugar no vestibular de Direito. Em 25 de novembro de 1938 colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais.

Após inscrição na Ordem dos Advogados — Seção de Minas Gerais — exerceu a advocacia na sua cidade natal no período de 15 de fevereiro de 1939 a 01 de dezembro de 1940.

Iniciou-se na magistratura em 02 de dezembro de 1940 ao assumir o cargo de Juiz Municipal de Comromandel, então distrito de Patrocínio, nomeado pelo governador do Estado, Dr. Benedito Valadares Ribeiro. Em diversas ocasiões, durante as férias e licenças do Juiz de Direito da Comarca de Patrocínio, assumiu o cargo.

Em 18 de janeiro de 1944, por ato do governador do Estado, foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Monte Azul. Logo após assumir o cargo, em 09 de março de 1944, foi removido para a Comarca de Pedro Leopoldo.

Foi nomeado em 04 de fevereiro de 1946 para o cargo de Diretor da Imprensa Oficial do Estado, em comissão, pelo Interventor Federal do Estado de Minas Gerais, Dr. João Tavares Corrêa Beraldo.

Após retornar à Magistratura, por

indicação do Tribunal de Justiça e ato do governador Milton Soares Campos, foi promovido por merecimento, em 26 de outubro de 1949 do cargo de Juiz de Direito da Comarca de Pedro Leopoldo para o de **Juiz de Direito** da Comarca de Sacramento.

Mediante indicação do Tribunal de Justiça e ato do governador Juscelino Kubitschek datado de 25 de março de 1953, a pedido, foi removido da Comarca de Sacramento para a Comarca de Araxá onde permaneceu até janeiro de 1966. Neste período recusou diversas promoções por mereci-

mento e antigüidade.

Em 22 de dezembro de 1965, após indicação do Tribunal de Justiça e ato do governador José de Magalhães Pinto, foi promovido por antigüidade, para o cargo de Juiz de Direito da 4ª. Vara da Assistência Judiciária e Acidentes de Trabalho da Comarca de Belo Horizonte.

Após indicação do Tribunal de Justiça e ato do governador Rondon Pacheco, foi promovido por merecimento, em 20 de dezembro de 1972, ao cargo de Juiz do Tribunal de Alçada do Estado de Minas Gerais, onde



Walter Machado, Desembargador, 1979.



Walter com a esposa Genuína e os filhos: José Walter, Maria Augusta, Maria Ignez, José Amílcar e José Teodorico. Década de 1960. Acervo familiar.

integrou a sua Segunda Câmara Cível, da qual foi presidente. Exerceu os cargos de Vice-Presidente e Presidente daquela Corte, tendo sido o idealizador e o primeiro Diretor da “Revista de Julgados do Tribunal de Alçada de Minas Gerais”.

Mediante indicação do Tribunal de Justiça e ato do governador Francelino Pereira dos Santos, datado de 02 de maio de 1979, foi promovido por antigüidade, ao cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais onde oficiou, ininterruptamente, nos julgamentos proferidos por sua Quarta Câmara Cível e Câmaras Cíveis Reunidas. Desempenhou, ainda, as funções de membro do Conselho

da Magistratura estadual. Foi agraciado com o Colar do Mérito Judiciário — a mais alta distinção conferida pelo Tribunal aos seus membros e juristas renomados.

Foi também condecorado pelo Governo do Estado com a Medalha de Honra da Inconfidência e depois, por promoção, com a Grande Medalha. Nos anos de 1976 e 1977, foi homenageado pelo Clube dos Advogados de Minas Gerais como “Personalidade de Destaque do Judiciário”. Em 1978, o Clube outorgou-lhe o Diploma e a Comenda “Doutor Cláudio Manoel da Costa” pelos relevantes serviços prestados à causa pública.

Em 31 de maio de 1982 aposentou-se, por limite de idade, no cargo de Desembargador.

Em 03 de abril de 1963 a Câmara Municipal de Araxá concedeu-lhe o título de Cidadão Araxaense.

Foi casado com Genuína de Queiroz Machado e teve 5 filhos: Maria Ignez, pedagoga; José Walter, advogado militante; José Amílcar, Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da 1ª. Região; Maria Augusta, psicóloga e José Teodorico, advogado militante.

Dr. Walter faleceu em 05 de novembro de 1996 em Belo Horizonte.

ADVOGADOS

O exercício da atividade de advocacia e a denominação de advogados são privativos dos que exercem essa profissão com ética e dignidade. Aí reside a essência do ser advogado.

FRANCESCO LUIGI VITTÓRIO PALMÉRIO

MAGALY CUNHA PORFÍRIO BORGES

Francisco Luigi, filho de Pasquale Palmério e de Elisa Orlando Cavalli, nasceu em 19 de julho de 1867, na comuna de Torre de Passeri, Itália. Imigrou para o Brasil em torno de 1890 e se casou com a brasileira Maria da Glória Ascensão em novembro de 1893.

Francisco (Francisco, no Brasil) trabalhou como engenheiro, agrimensor e advogado na região do Triângulo Mineiro, tendo exercido a advocacia em Sacramento. Foi diretor e redator do jornal “Cidade de Sacramento” que circulava em toda a região desde 1902. Nesse período prestou diversos serviços advocatícios em Araxá, bem como em outras cidades do Triângulo.

Em 1914, Dr. Francisco mudou-se com a família para São Sebastião do Paraíso. Lá, atuou como engenheiro da Mogiana, advogado e professor de Matemática, no mesmo Ginásio em que os filhos **Félix** e José frequentaram.

Dr. Francisco e Maria da Glória tiveram 9 filhos: Francisco Paulo, José, Félix Renato, Maria Lourencina, Eduardo (Maria Agnodice), Maria Dolores, Maria Elisa (Carlos Salggi), Lídia (Rui de Castro) e Mário (Cecília Arantes).

Ingressou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1919, depois de longa experiência profissional como prático. Gradou-se em 1924 e, em 1930, prestou concurso para Juiz de Direito. Aprovado, Dr. Palmério (Francisco) atuou como juiz em Monte Carmelo e em Ituiutaba.

Aposentou-se já no final da década de 1930. Dr. Francisco faleceu em Uberaba em 25 de julho de 1947.



Francisco Luigi Vittório Palmério. s/d.
Acervo: André de Azevedo da Fonseca.

FÉLIX RENATO DE ASCENÇÃO PALMÉRIO

Filho de Francesco Luigi Vittorio Palmério e Maria da Glória Ascensão, Dr. Palmério, como era conhecido, nasceu em Carmo do Paranaíba/MG, no início do séc. XX, provavelmente em 1901.

Félix foi advogado e agrimensor assim como o pai. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Não temos notícias de que tenha se formado como agrimensor, ou se foi prático.

Um dos grandes ideólogos da emancipação do Triângulo Mineiro nos anos 50, Dr. Félix teve a sua monografia lida na íntegra, em Plenário da Câmara Federal, quando o seu irmão, também advogado, o deputado Dr. Mário Palmério, defendeu o movimento separatista em discurso pronunciado em 4 de

junho de 1952.

Circunspecto, Dr. Félix vivia para o trabalho e para os livros. Convivia bem com os colegas de profissão e costumávamos vê-lo no caminho que o levava ao Fórum local e o trazia de volta a sua residência.

Advogou em Araxá na década de 1950. As informações colhidas entre os que o conheceram falam de um homem de caráter e trabalhador. “Não era de muita conversa.”

Dr. Félix um dia se foi e não mais tivemos notícias. Provavelmente tenha falecido em Uberaba. Não se casou e não teve filhos.

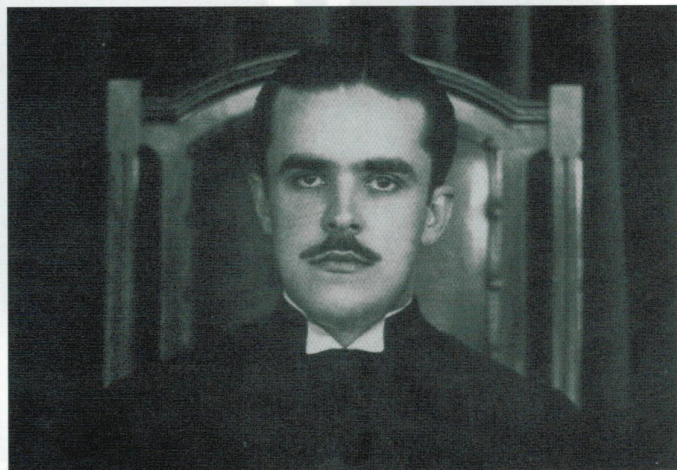
Poucos, os dados pessoais de Dr. Francesco Luigi Vittorio Palmério e de Dr.

Félix Palmério. Todavia não poderíamos deixar de mencioná-los dentre os grandes profissionais que exerceram a advocacia ou fizeram parte do Poder Público em Araxá, na 1ª metade do séc. XX.



Félix Renato de Ascensão Palmério. s/d.
Acervo: André de Azevedo da Fonseca.

PEDRO DE PAULA LEMOS



Pedro de Paula Lemos. 1940. Acervo: Marina Drummond de Paula Lemos Rios.

Araxaense, filho de Cassiano de Paula Lemos e Jovina de Ávila Lemos, nasceu no dia 14/08/1916.

Dedicado aos estudos, concluiu o primário em Araxá e o ginásio em Lavras, cursos que correspondem, hoje, ao Ensino Fundamental. No Rio de Janeiro, cursou o Ensino Médio e, em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formou-se em Direito - 1940.

Retorna a Araxá e assume a presidência da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) no período de 1951 a 1957. Dividido entre a advocacia e a pecuária, decide-se pela segunda opção, uma das razões de seu viver.

Homem de visão foi presença forte na construção da vida araxaense em todos os seus segmentos. Sócio-fundador da Rádio Imbiara, do Clube Brasil, do Najá Futebol Clube, além de outras entidades.

Com Maria Dora Drummond de Paula Lemos casa-se em 1942. Quatro filhos: Dora Lúcia, Marly (Gabriel), Marina (José Henrique) e Cássio (Florence). Nove netos e quatro bisnetos. Não chegou a conhecer os netos e, certamente, não realizou muitos de seus sonhos. Tinha apenas 49 anos quando faleceu em 28/10/1965.

"A despedida fúnebre, no cemitério, foi feita pelo Dr. Danilo Cunha, em nome, principalmente, da Ordem dos Advogados do Brasil da qual o extinto foi presidente. Destacamos de sua oração os seguintes conceitos:

Todos nós, Dr. Pedro, advogados ou não, teremos que perder a última demanda ou a última luta. A luta contra a morte. Mas depois descansaremos, dormindo o sono que não tem sonhos.

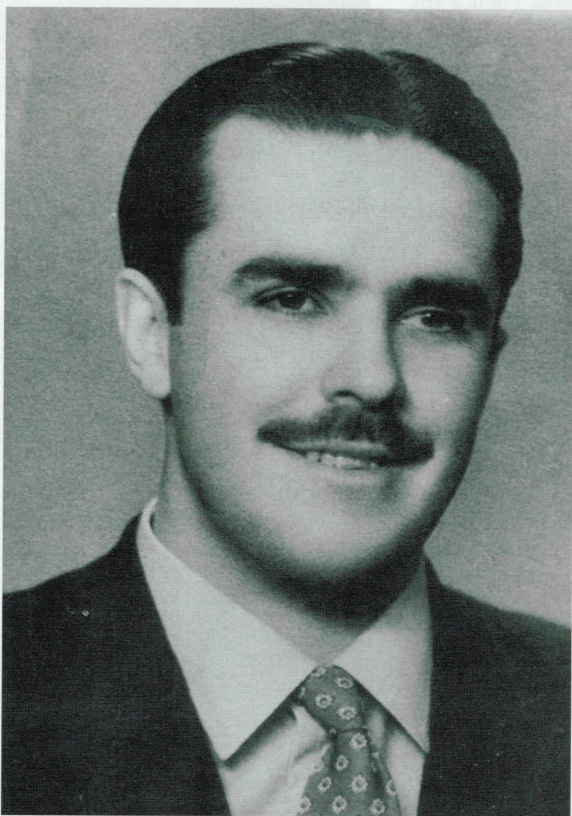
Todos nós teremos que ouvir, mais cedo ou mais tarde, a sentença de que não cabe apelação. Mas sempre a ouvirá vito-

riosamente, no plano espiritual, quem cumpriu a sua missão na terra. Você, Dr. Pedro, bem cumpriu sua missão. Foi um bom e um justo, como profissional (na cidade e no campo), como cidadão e como chefe de família. Você foi, sobretudo, um exemplo de honradez.

Descanse em paz, Dr. Pedro, ao lado de seu irmão, junto de seus pais, após estes longos e dramáticos meses de estóico sofrimento. Descanse com eles no seio do Criador."

O trabalho iniciado pelo Dr. Pedro prosseguiu com êxito nas mãos de sua esposa, Maria Dora, e resultou nas exportações do gado da raça Indubrasil para os Estados Unidos, México, Costa Rica e Tailândia.

Para os que o conheceram, fica a memória de um homem de caráter, trabalhador, dedicado à família e aos amigos. Para os filhos, Dr. Pedro deixou um legado de dignidade e honra.



Pedro de Paula Lemos. Década de 1950. Acervo: Marina Drummond de Paula Lemos Rios.



Maria Dora Drummond de Paula Lemos, esposa. Década de 1940. Acervo: Marina Drummond de Paula Lemos Rios.

JOSÉ MARIA SANTOS

Filho de Francisco José dos Santos e Adozinda Porfírio dos Santos, Dr. José Maria nasceu em Araxá, no dia 27/11/1916. Nessa cidade e, posteriormente, em Uberaba, concluiu os primeiros estudos. Formou-se em Direito, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1938 e, no ano seguinte, foi designado Promotor de Justiça na comarca de Carmo do Paranaíba. Em 1941, regressa a Araxá, onde exerce a advocacia, distinguindo-se pela oratória e pela forma brilhante com que atuava nos Tribunais do Júri.

Por ocasião da 2ª Grande Guerra e conseqüente racionamento de combustível, Dr. José Maria foi o responsável pela distribuição das quotas de fornecimento diário. Ocupou o cargo de Secretário Municipal nas administrações Álvaro Cardoso de Menezes (1941/1945) e José Adolpho de Aguiar (1947/1951), tempos em que o prefeito contava apenas com uma secretária, que deveria ser ocupada por alguém ligado a todos os assuntos pertinentes à prefeitura, o que exigia conhecimentos e preparo.

Diretor do Complexo Grande Hotel/Termas do Barreiro (1951/1953) e sócio-fundador da Rádio Imbiara, onde, sob o pseudônimo "Pajé", respondia pelo noticiário, que era divulgado três vezes por semana e comentado nas "rodas" que se formavam no antigo Coreto.

Casou-se com Ruth Navarro Santos em 25/11/1940. Quatro filhas: Diana Dalva (Hélio), Maria Auxiliadora (Dr. Jacy), Ruth Helena e Maria José (Dr. Sérgio). Dez netos e seis bisnetos. Antes mesmo do nascimento da

1ª filha, o casal tomara sob a guarda, Júlia Rosa, ainda hoje, amiga e companheira.

Em 1953, transfere-se para Belo Horizonte e passa a exercer o cargo de advogado do Banco de Crédito Real de Minas Gerais. Além da advocacia exerceu várias outras funções: redator da ata que criou o "Estádio Mineirão", assessor na Assessoria Técnico-Consultiva, (atual Procuradoria) junto ao Governo Estadual – gestão Juscelino Kubitschek de Oliveira – e Consultor-Chefe, cargo de absoluta confiança, no governo Magalhães Pinto.

A criação de uma Escola Pública em Araxá, a nível ginásial, o que corresponde, hoje, aos 4 últimos anos do Ensino Fundamental (antiga "Escolas Combinadas do Bairro Santa Rita", hoje, "Escola Estadual Luíza de Oliveira Faria", no bairro Santa Rita) resultou de um pedido seu, ao então governador, Magalhães Pinto.

Dr. José Maria servia, com a inteligência e a sabedoria dos que sabem servir. Fidelidade e competência, independente da questão partidária.

Dois de seus irmãos formaram-se em Direito e exerceram a profissão. Luiz Gonzaga, advogado no Rio de Janeiro e Júlio César, em Brasília.

Já aposentado, Dr. José Maria, assumiu a função de Assessor de Imprensa Oficial de Minas Gerais. Faleceu em Belo Horizonte, no dia 26/10/2001, um mês antes de completar 85 anos.

Não deixou fortuna material, mas exemplos e princípios morais, que norteiam os que lhe vieram e os que lhe virão.



José Maria Santos. 1938.
Acervo: Diana Dalva Santos.



Ruth Santos, esposa. 1938.
Acervo: Diana Dalva Santos.

JARBAS PORFÍRIO DE AZEVEDO

Os primeiros estudos, Jarbas os fez em Araxá, onde nasceu em 10/10/1920. Foram seus pais: Elias Porfírio de Azevedo (que hoje dá nome à Escola Municipal de Música) e Maria Dolores de Azevedo.

Em Belo Horizonte cursou um ano do Pré-Médico, uma vontade de seu pai. Todavia, não era o que queria. Mais tarde, transferiu-se para São Paulo e, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), colou grau em Bacharel de Direito – 1950.

No centro de São Paulo, abre o seu primeiro escritório em sociedade com o colega Dr. Antônio Cilentto.

Em 1952, a convite de Plínio Cunha, também araxaense e diretor do Banco Bradesco no Paraná, Dr. Jarbas passa a residir em Mandaguari/PR, região rica, ainda em desenvolvimento e com carên-

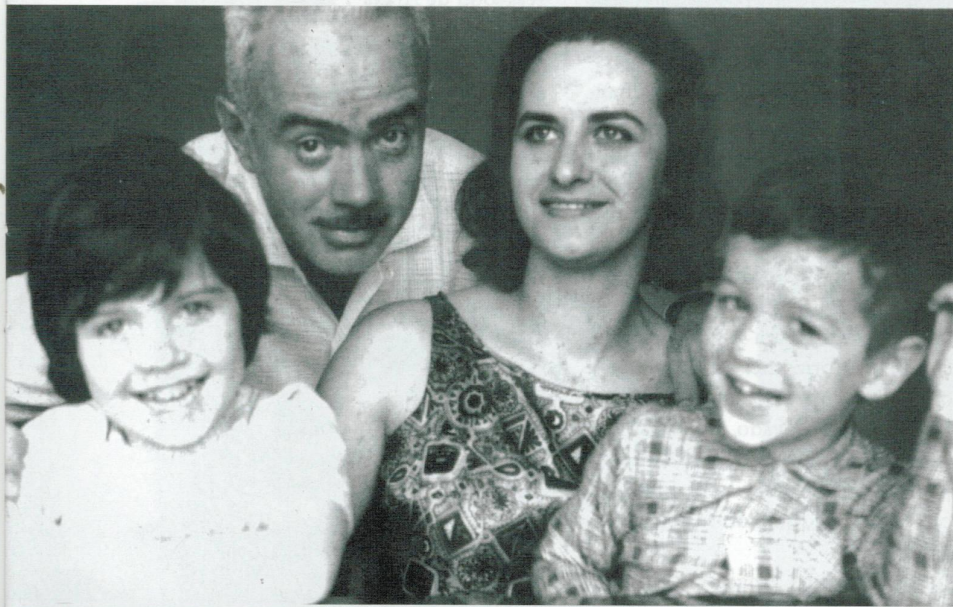
cia de bons advogados. Lá, exerce a profissão por pouco tempo. Presta o concurso para Juiz de Direito e é aprovado em 1º lugar. Assume o cargo na comarca de Campo Mourão onde permanece até 1955. Novamente em Mandaguari, decide-se pelo exercício do Direito e volta a advogar, tornando-se um dos mais brilhantes advogados num raio de 150 km, atendendo em várias cidades tais como Londrina e Maringá, dentre outras.

Em 1960, de volta a São Paulo, retoma a sociedade com o colega Dr. Antônio Cilentto e, em 1967, passa a fazer parte do Corpo de Procuradores do Instituto do Café do Estado de São Paulo. Jarbas exercia as duas atividades quando faleceu em 12/07/1976.

Apreciador das artes, acompanhava tudo o que a cidade de São Paulo oferecia: cinema, música, teatro, literatura e exposições. Quando residia no Paraná, viajava até São Paulo apenas para assistir

uma peça de teatro ou uma ópera.

Numa dessas visitas, conheceu Giselda Vieira, com quem se casou em 03/09/1957. Com ela teve dois filhos: Livia (Márcio) e Marcos (Elizabeth). Guilherme, o único neto. Dedicado à família e ao trabalho, carreira vitoriosa, homem culto. Assim foi Jarbas Porfírio de Azevedo.

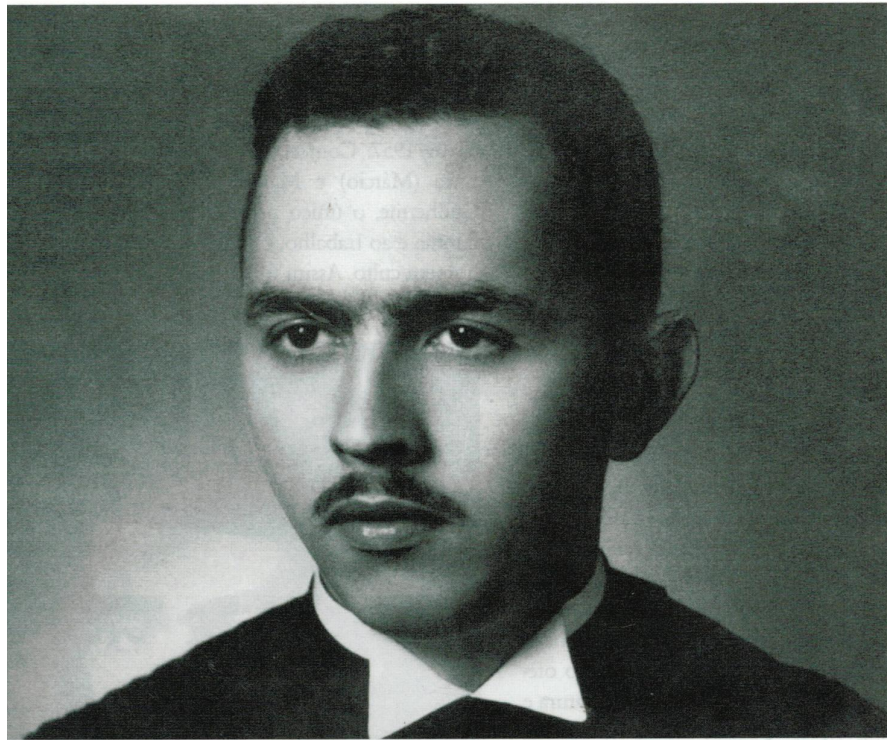


Jarbas com a esposa Giselda e os filhos Livia e Marcos. Década de 1960. Acervo: Giselda Vieira.



Jarbas Porfírio de Azevedo, 1950. Acervo: Giselda Vieira.

ROBERTO DA CUNHA SOARES



Roberto da Cunha Soares. 1952. Acervo particular.

Filho de Melchíades da Cunha Soares e Zoraida Porfírio Soares, nasceu em Araxá, no dia 27/10/1925. Seu pai, como Presidente da Câmara, ocupou a Cadeira Municipal, pelo período de um ano, por licenciamento do então prefeito José Adolpho de Aguiar (1954-1955).

No Grupo Escolar Delfim Moreira, em Araxá, Roberto concluiu o curso primário. Ginásio e científico, iniciou-os em Campinas, prosseguindo no Colégio São Luiz – São Paulo e concluindo-os no Colégio Arnaldo – Belo Horizonte. Esses cursos correspondem, hoje, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio.

Pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG) graduou-se em 1952. Nesse período, estudando e trabalhando como funcionário no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, dificuldades não faltaram. Com a fé e a coragem que lhe são peculiares, lutou e venceu. Exerceu a advocacia em Mandaguari/PR e São Paulo/SP até o ano de 1961, quando então presta o concurso para a Magistratura, em Belo Horizonte. Aprovado, faz o mesmo concurso em São Paulo. Novamente aprovado, opta por São Paulo e, na função de Juiz Federal da Justiça do Trabalho, permanece no cargo até 1981, quando se aposenta.

Casou-se com Ângela Rodrigues Cunha em 19/01/1957. Cinco filhos: Murilo (Maria Emília), Magaly (Roberto), Lílian (Francisco), Cláudia

(Maurizio) e Helder (Luciana). Oito netos e um bisneto.

Seu lado pessoal nos mostra um ser humano voltado para as necessidades alheias, sempre em socorro aos mais carentes. Em relação à família, assumiu a posição dos que já se foram, preocupando-se com tudo e com todos. Sempre pronto a servir.

Criou os filhos dentro do pensamento cristão, transmitindo-lhes a importância da retidão de caráter. Inteligente, exerceu as funções de advogado e juiz com a competência e a serenidade que só os justos sabem possuir.

Gosta dos livros, gosta do que faz e, sobretudo, gosta da vida.

Assim é o Dr. Roberto. O cidadão honrado que, estando onde estiver, nos cobrirá de orgulho se puder dizer: "Sou de Araxá".



Ângela Rodrigues Cunha, esposa. Acervo particular.

PAULO DE TARSO SANTOS

Araxaense, nasceu no dia 12/01/1926, filho de Vasco Santos e Maria Soares Santos. A municipalidade, em 10/04/1964, na administração Domingos Santos, prestou a Vasco uma homenagem através da Escola Municipal (hoje, Estadual) que leva o seu nome.

Os primeiros estudos, Paulo os fez no Colégio Dom Bosco, razão, ainda hoje, de sua devoção ao santo. O Ensi-

no Médio teve início no Colégio Universitário de São Bento, concluindo-o no Colégio Universitário, anexo à Faculdade do Largo São Francisco.

Bacharel pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP) em 1948 e detentor de todos os prêmios concedidos durante o período universitário. Inclui a classificação de 1º lugar entre os formandos.

Paralelamente à advocacia, cursou o CPOR (Curso de Formação de Oficiais R2 de Infantaria do Exército). Por votação, escolhido orador da turma.

Notável, tanto como advogado quanto nos diversos cargos que exerceu, Dr. Paulo de Tarso percorreu uma trajetória de conquistas e sucessos. Durante 42 anos, alternou o exercício da advocacia e altos cargos públicos.

Constam de seu currículo: Vereador em São Paulo e líder da bancada – Deputado Federal – Convidado especial do Governo Americano, como observador das eleições presidenciais – Viagem Oficial à Alemanha – Prefeito de Brasília/DF no governo Jânio Quadros – Ministro da Educação e Cultura, governo João Goulart e, mais tarde, Secretário de Educação em São Paulo, na administração Franco Montoro.

Várias publicações em âmbito internacional, através de documentos, tratados, palestras, além de participação em 25 reuniões como Técnico da ONU, em vários países. “Diálogo no Grande Sertão: Veredas”, “Dialogar é Preciso”, “Lógica do Compadre” e “Arbitragem e Poder Judiciário”, publicados no Brasil.

O casamento com Maria Nilse de

Almeida Cunha aconteceu no dia 12/01/1950, dia de seu aniversário. Tiveram 5 filhos: Maria Luíza (Afonso), Vasco (Jacy), Paulo de Tarso (Nil-da), Maria Beatriz (Cristiano) e Maria Stella. Treze netos e um bisneto. Vasco e Maria Beatriz abraçaram a profissão do pai.

Três de seus irmãos, também nascidos em Araxá, foram advogados e exerceram altas funções. Maurício (Deputado Estadual), Luiz Carlos (Deputado Federal e Presidente de Furnas) e Gastão (Juiz de Direito e depois Desembargador no Estado de São Paulo).

Inteligência fulgurante, vasto conhecimento, para nós, araxaenses, foi e sempre será conhecido como o “Paulinho do Vasco”, aquele que manteve em seu coração, a memória de suas raízes.

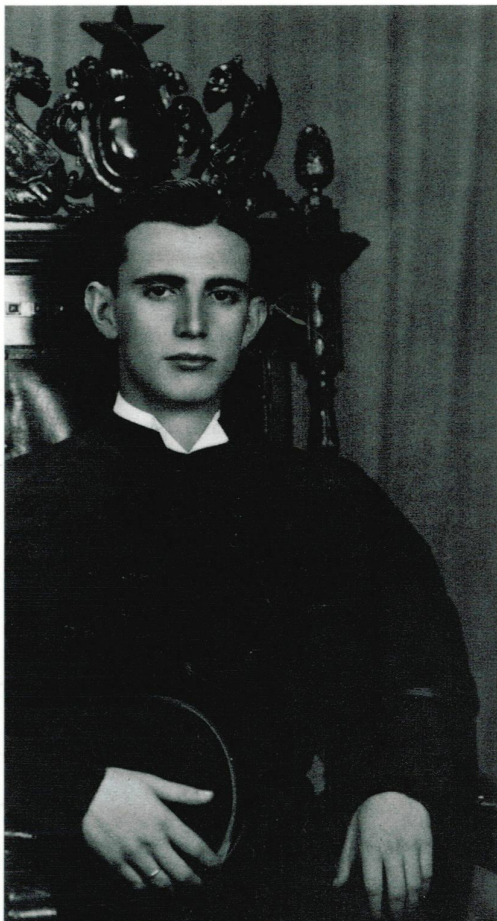


Paulo de Tarso Santos. 1948. Acervo: Maria Nilse de Almeida Cunha.



Maria Nilse, esposa. Acervo: Maria Nilse de Almeida Cunha.

OLAVO DRUMMOND



Olavo Drummond. 1950. Acervo: Márcia de Almeida Drummond.

Filho de Salomão Drummond e Hermantina Castro Alves Drummond, nasceu em Araxá, no dia 31/08/1925.

Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, no ano de 1950.

Olavo Drummond exerceu o Direito em sua plenitude. Como advogado, atendeu a famílias eminentes, dos Ermírio de Moraes aos Matarazzo. Fiel aos muitos amigos, sua lealdade a Juscelino comoveu até mesmo os

desafetos do presidente e não esmoreceu com o desaparecimento deste. Olavo foi quem angariou fundos para o Memorial JK, do qual foi vice-presidente até o fim da vida, conduzindo-o com Anna Christina Kubitschek. Dele, disse Juscelino: “Após toda a minha vida e a minha larga experiência na política, vejo que tive apenas cinco amigos verdadeiros. Um deles foi Olavo Drummond”.

Como prefeito de Araxá, dentre as várias realizações, implementou o Concurso Público para a contratação de servidores, abriu o Pronto-Socorro 24 horas, conquistou, por dois anos, o prêmio Prefeito-Criança da Fundação Abrinq e fez o mundo inteiro cantar Araxá no Carnaval de 1999. Como cidadão, presenteou a comunidade com o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, um projeto de Ruy Ohtake.

Casou-se com Márcia de Almeida Drummond no dia 22 de setembro de 1951. Quatro filhos: Ana Elizabeth (Henrique), Patrícia (Cláudio), Olavinho e Pedro (Annaísa). Sete netos. Aos que lhe vieram, deixou uma trajetória de vida, que é o orgulho de uma família, de toda uma cidade e de todos os que o conheceram.

Constam de seu currículo: Redator da Rádio Inconfidência, Jornalista Estado de Minas e Diário da Tarde, Secretário da Presidência do TRE, Deputado Estadual por Minas Gerais, Secretário da Presidência do Banco do Brasil/RJ, Delegado do Brasil nos Estados Unidos, Procurador da Fazenda Nacional, Procurador da República junto ao Supremo Tribunal Federal, Diretor da Vasp, Conselheiro do Tribunal de Contas

de São Paulo, Ministro do Tribunal de Contas da União, Chanceler da Universidade São Marcos, Membro da Academia Mineira de Letras e da Academia Araxaense de Letras.

Escreveu cinco livros: Noite do Tempo, Ensaio Geral, Ordens do Cardeal, O Amor Deu Uma Festa e O Vendedor de Estrelas. Condecorado com as mais importantes comendas nacionais, faleceu em 8 de maio de 2006, em São Paulo/SP e foi enterrado em sua terra natal.

“Olavo não termina aqui. Seu exemplo segue forte e sua biografia irá inspirar gerações futuras de araxaenses e brasileiros. Olavo Drummond foi filho desta terra e pai de seu povo. Olavo Drummond continua.”



Olavo Drummond com a esposa Márcia. Década de 2000. Acervo: Márcia de Almeida Drummond.

COLABORADORES:

ANDRÉ DE AZEVEDO DA FONSECA, Jornalista e Professor na Uniube (Universidade de Uberaba).

PEDRO DRUMMOND, Engenheiro Eletrônico com especialização em Microprocessadores e Escritor.

FONTES:

Depoimentos: Diana Dalva Santos, Giselda Vieira, José Walter Machado, Maria Nilse de Almeida Cunha Santos, Marina Drummond de Paula Lemos Rios, Roberto da Cunha Soares.

ORIGEM INDÍGENA DE ARAXÁ

FATOS E NOVIDADES

KEYLA BARBOSA MACHADO

ÚLTIMAS DESCOBERTAS

Até pouco tempo, Araxá não contava com uma pesquisa que fundamentasse o cotidiano dos primitivos moradores desta região – *os índios araxás*. A partir de um patrocínio da Bunge Fertilizantes, a empresa Zanettini Arqueologia realizou um resgate cultural da região, através de vestígios arqueológicos: o primeiro estudo sistemático desenvolvido no município de Araxá.

Este trabalho abre as portas para o conhecimento científico a respeito do passado e de grupos indígenas que ocuparam a região anteriormente à fundação da cidade. A Fundação Cultural Calmon Barreto é a responsável pelo endosso institucional do projeto e parte do acervo dos sítios arqueológicos está no Museu Histórico de Araxá – Dona Beja.

A CULTURA, O COTIDIANO

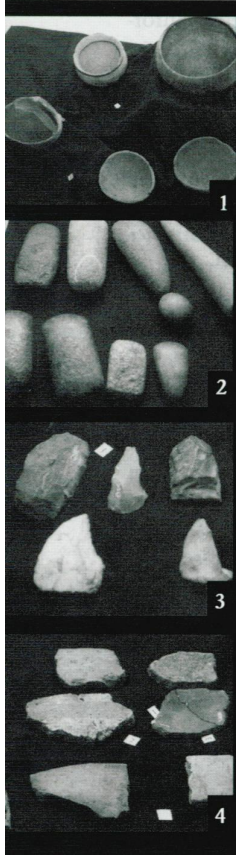
Por desconhecerem o verdadeiro nome dos povos desaparecidos há muito tempo, arqueólogos a batizaram como Cultura Aratu. As pesquisas se encontram em andamento, mas já foi possível conseguir informações importantes sobre o modo de vida desses antigos moradores. Conheciam muito bem o meio ambiente no qual instalavam suas aldeias, garantindo sua sobrevivência a partir da caça, pesca e coleta, associadas à prática da agricultura. Cultivavam dentre outros, milho, mandioca, feijão, abóbora, amendoim, pimentão e batata. As tarefas eram separadas entre homens e mulheres. Cabia aos homens, por exemplo, a produção de ferramentas de pedra e às mulheres, o fabrico de potes de barro.



Igaçaba, urna funerária indígena.
Acervo: Museu Histórico de Araxá
— Dona Beja. 2008. Foto: João Lima.



Heráclita, Elizabete, Claudenise e Vanilda: descendem dos remanescentes indígenas de Araxá. 2008. Foto: João Lima.



Origem do nome Aratu

A primeira descoberta dos vestígios desses povos ocorreu no centro industrial de Aratu, no litoral norte da Bahia. Lá o arqueólogo Valentin Calderón encontrou 54 urnas funerárias na década de 1960. Vestígios da Cultura Aratu estão presentes desde o norte de SP até o nordeste brasileiro. Apesar de apresentar características semelhantes nos vestígios e na organização das aldeias, a Cultura Aratu não corresponde a uma etnia, pelo contrário, deve estar relacionada a grupos culturais diversificados. Os objetos encontrados na área da Bunge e em outros sítios da região de Araxá apresentam semelhanças com os grupos estudados na Bahia.

- 1) Utensílios de barro (cerâmica).
- 2) Machadinhas, ferramentas de pedra.
- 3) Instrumentos de pedra (lascada).
- 4) Fragmentos de barro.

Acervo MHADB. 2008. Fotos: João Lima.

ÍNDIOS EM MINAS GERAIS

N uma região próxima a Belo Horizonte, em 1998, foram encontrados ossos de um ser que recebeu o nome de 'Luzia'. Descende dos negróides e apresenta características antropomórficas bastante diferenciadas dos índios americanos e próximos dos aborígenes australianos e africanos. Esses teriam vindo há aproximadamente 14 mil anos. Contudo, por razões ignoradas, todos os seus descendentes parecem ter se extinguido. Os índios da América descendem dos povos asiáticos (mongolóides), vindos do Velho Mundo há cerca de 11 mil anos ou mais. Não há semelhança dos índios que viveram aqui com os antigos moradores de Lagoa Santa.

ÍNDIOS NESTA REGIÃO

Na década de 80, pesquisas arqueológicas na região de Perdizes constataram a presença de uma população "pré-histórica". Não conheceram o metal, muito menos a escrita. Para os povos indígenas a escrita era desnecessária já que sua cultura era predominantemente "oral". Desapareceram sem deixar vestígios documentais. Como prova de sua presença em nossa região, hoje em dia, é muito comum moradores da zona rural encontrarem instrumentos de pedra, fragmentos de barro e até ossos do esqueleto humano ao movimentar a terra para o plantio.

Durante mais de dois séculos, índios conviveram pacificamente com negros. Nesta região, por exemplo, existiu o Quilombo do Têngo-Têngo, chefiado pelo negro Ambrósio e situado na Serra da Canastra (cercanias de Ibiá). Em 1746 os negros do Quilombo foram massacrados e dizimados pelas tropas do Coronel Antônio José de Oliveira, contratado para esta missão pelo então governador minei-

ro Gomes Freire de Andrade.

Anos mais tarde (1766) o governo mineiro nomeou o mestre-de-campo Coronel Inácio Correia Pamplona e ordenou que exterminasse os índios araxás, utilizando para isso 400 homens armados. Diz uma len-

da que esta expedição contou com o valioso auxílio do índio Iboapi, preterido no seu amor pela filha do Cacique Andaia – *Catuira*. Por isso, guiou os invasores para a destruição quase completa da tribo, chefiada pelo astuto e valente Guerreiro – *Maú*.



Vanilda, Heráclita, Claudenise, Elizabete, José Eustáquio, Edson, Jair e Francisco Natalino que descendem dos remanescentes indígenas de Araxá. 2008. Foto: João Lima.

FATOS HISTÓRICOS

Até então, as informações existentes eram apenas as deixadas pela documentação oficial, através de relatos dos bandeirantes que passavam por aqui. No roteiro da expedição de Lourenço Castanho Taques, encontram-se as primeiras referências aos índios araxás. Ramo da tribo dos Cataguás, por volta de 1630, os índios desmembraram-se do primitivo aldeamento situado em Bambuí e alojaram-se na densa floresta existente entre o rio das Velhas e o Quebra-Anzol, ao norte da Serra da Canastra. Sob a chefia do guerreiro Andaia-Aru a tribo foi

mantida por mais de 130 anos, com valentia e agressividade, até a chegada do homem branco.

As terras compreendidas nesta área e protegidas pela serra da Canastra tornaram-se conhecidas no referido roteiro como "Sertões dos Araxás". Rota de passagem obrigatória dos bandeirantes paulistas e mineiros que partiam para a Capitania de Goiás em busca de riquezas minerais e escravos negros fugitivos de fazendas paulistas e mineiras.

O LEGADO DA CULTURA

Araxá conta com aproximadamente 300 descendentes de remanescentes das tribos que viveram nesta região. Os sobreviventes do ataque conseguiram esse feito, ou por terem fugido e se escondido, ou por se submeterem à escravidão do colonizador. Eram poucos e todos foram aculturados.

A língua foi, sem dúvida, a herança mais forte deixada por eles. Palavras de origem indígena são marcantes no português atual. Denominações de cidades, ruas e comidas

são muito comuns de serem encontradas em nosso vocabulário. Diversas palavras fazem parte do nosso cotidiano. O nome da cidade de Araxá quer dizer: o panorama, lugar alto, onde primeiro se avista o sol. Como outros exemplos, temos: imbiara (caminho, passagem das águas), caetitu (porco do mato), ipiaó (vau do rio), itacuru (fragmento grande de pedra ou cascalho), ibiá (encosta, barranco), jaguara (onça, tigre, cão), paranaíba (grande rio, imprestável à navegação), pepururé (caminho tortuoso), itaipu (lugar onde a água nasce na pedra), catiara (serra alta e bonita).

SENTIMENTO HOJE

Hoje, segundo os descendentes dos remanescentes, eles se sentem desrespeitados pelo fato de seu povo ter sido massacrado e humilhado. Consideram, ainda, uma grande ofensa aos seus antepassados quando urnas funerárias (igaçabas) são encontradas e são motivos de um "grande achado". É como se nem na morte as almas pu-

dessem descansar.

Acreditam ter sido vítimas do crime de genocídio. E isso implicou na tentativa de retirar deles a vontade de conservar sua própria raiz. Um exemplo disso foi a obrigatoriedade de registrar os filhos em cartório com nomes que fossem aceitos pela cultura branca.

Num desabafo eles concluem que todo esse processo de aculturação foi uma tentativa de retirar deles a auto-estima — o melhor sentimento que um ser humano pode ter. Os índios são pessoas de fibra e de caráter. Possuem amor-próprio e amor pela terra: *Araxá, terra sagrada!*



Vanilda, José Eustáquio, Elizabete, Heráclita, Claudenise, Edson, Francisco Natalino e Jair e descendem dos remanescentes indígenas de Araxá. 2008. Foto: João Lima.

FONTES:

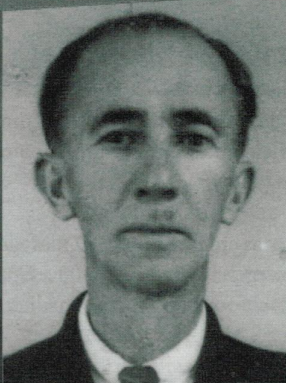
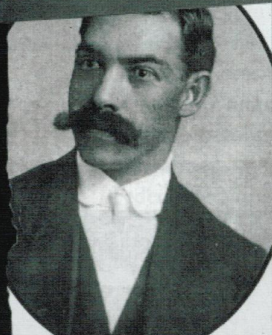
Depoimentos dos indígenas: Édson Adolfo da Silva (cacique Carcará-urú), Elizabete Fernandes de Oliveira Borges, Heráclita Ramos de Jesus (Wuiratanã), João Lemos de Castro, José Eustáquio Borges (Bhiá-awá) e Vanilda Francisca da Silva (Wakanã).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Arquivos FCCB.

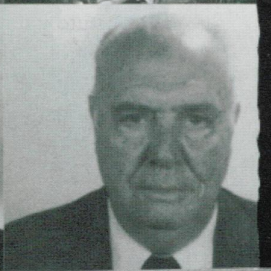
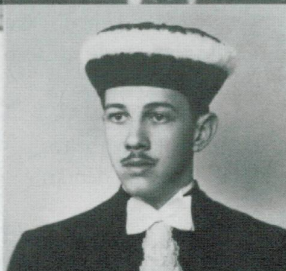
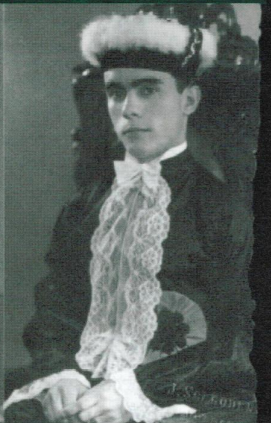
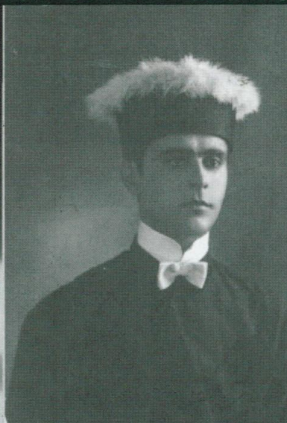
LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. *Das Águas Passadas à Terra do Sol*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

ZANETTINI Arqueologia. *Muito antes de Dona Beja: o cotidiano dos primeiros moradores de Araxá*. São Paulo, 2007.



A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA

MARIA TRINDADE COUTINHO RESENDE GOULART
CECÍLIA ANGÉLICA MACHADO DE PAIVA
SILVANA APARECIDA ALVES BORGES BATISTA.



NO MUNDO

A Odontologia, no mundo, sofreu uma evolução lenta e dificuldades em se impor como profissão regulamentada.

Os primeiros dentistas eram médicos. O mais antigo de que se tem notícia foi o egípcio Hesi-Re (4500 a.C.), especialista em extração, conhecido como “maior médico que tratava dos dentes”.

Na Grécia antiga, Diocles de Caristo, médico que viveu no séc. IV a.C., já dava conselhos sobre higiene bucal. Os romanos, influenciados pelos gregos, usavam pós dentífricos feitos à base de ossos, cascas de ovo e conchas de ostras. No Oriente Médio, Maomé, fundador do islamismo, defendia a escovação com o siwak, precursor da escova de dentes, feito de um ramo de árvore cuja madeira contém bicarbonato de sódio.

Avicena, muçulmano que viveu entre 980 e 1037, lançou os princípios que chegaram à Europa, tornando-se a base do tratamento dentário medieval.

Na Idade Média os monges católicos exerciam a medicina mas, a partir de 1163, a Igreja os proibiu de fazer tratamentos dentários e outros procedimentos cirúrgicos. Os barbeiros medievais, freqüentadores assíduos dos mosteiros, aprendiam muito com eles. Tornaram-se seus auxiliares cirúrgicos, especializando-se nos diversos tipos de intervenção que os sacerdotes não podiam mais realizar como tirar pedras da bexiga, abrir abscessos, fazer sangrias e extrair dentes. Mais tarde os monges puderam fazer cirurgias de novo, no entanto os barbeiros haviam se tornado tão bons arrancadores de dentes que alguns médicos encaminhavam a eles pacientes que necessitavam de ajuda odontológica.

O prestígio dos cirurgiões-barbeiros aumentou tanto que começou a causar confusão dentro da Medicina. Então o Rei Henrique VIII, da Inglaterra, publicou, em 1540, um estatuto para a Real Comunidade dos Cirurgiões-Barbeiros, delimitando a área de atuação dos médicos e dos barbeiros. A extração de dentes foi permitida aos dois grupos. Até o século XVIII, a maior parte dos barbeiros continuou oferecendo tratamento dentário aos clientes.

Em 1728 foi publicado “O Cirurgião Dentista”, obra de Pierre Fauchard que anunciava a invenção de pivôs e dentaduras, marco na história da odontologia. A partir do trabalho de Fauchard, a odontologia separou-se da medicina.

Em 1840, a primeira escola de odontologia do mundo, o Baltimore College of Dental Surgery, foi fundada nos Estados Unidos por Chaplin Harris, dentista americano. Em 1844 Horace Wells, também dentista americano, inventou a anestesia. A partir daí os dentistas ajudaram muito no avanço das ciências da saúde, aperfeiçoando a radiografia, por exemplo.

NO BRASIL

A té o século XVII, não havia na legislação portuguesa lei alguma regularizando a prática da Odontologia. As técnicas empregadas no Brasil eram rudimentares, o instrumental inadequado e não havia nenhuma forma de higiene. Anestesia, nem pensar! Em Carta Régia de 09 de novembro de 1629, a Coroa portuguesa autorizou a inspeção dos domínios reais e a reforma do regimento para o “ofício de cirurgião-mor”. Esse regimento instituiu multa às pessoas que “tirassem dentes” sem licença e determinava que os candidatos a “Tirar Dentes” deveriam ser selecionados pelo cirurgião-mor de Portugal entre aqueles que tivessem pelo menos 2 anos de aprendizado.

Em 1728, na França, Pierre Fauchard revoluciona a Odontologia, inovando conhecimentos, criando técnicas e aparelhos. Nessa época começava a exploração do ouro em Minas Gerais, com grande afluxo de interessados. José S. C. Galhardo é nomeado pela Casa Real Portuguesa cirurgião-mor deste Estado e regulamenta o trabalho dos práticos da arte dentária.

Em 1782, para melhor fiscalização nas colônias portuguesas, foi criada a Real Junta de Proto-Medicato. Era constituída de sete deputados, médicos ou cirurgiões para um período de três anos. Caberia a estes o exame e a expedição de cartas e licenciamento das “pessoas que tirassem dentes”.

Nas últimas décadas do século XVIII, o mais conhecido de nossos práticos da Odontologia foi o mineiro Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes. Apesar de ter ficado famoso mais por sua atuação política que por sua habilidade com a boca alheia, ele era considerado um bom dentista.

Cadeira que pertenceu ao Marko Rudolf Tomasic' e foi doada ao acervo da FCCB.
Foto: João Lima.



Aprendera o ofício com seu padrinho Sebastião Ferreira Leitão. Além de se destacar na arte de “tirar dentes”, foi excelente protético.

Nesse período os dentes eram extraídos com as chaves de Garengot, alavancas rudimentares, e o pelicano. Não se fazia tratamento de canais e as obturações eram de chumbo, sobre tecido cariado e polpas afetadas. As consequências eram desastrosas.

Em 23 de maio de 1800 o príncipe regente mandou executar provisoriamente o plano de exames. De acordo com esse plano, o aspirante à profissão dentária, após o período de aprendizagem com um profissional antigo e idôneo, deveria requerer o exame, que constava de anatomia e métodos operatórios e terapêuticos. Após o pagamento de diversas taxas, os candidatos estariam aptos a exercer a profissão de dentista. Foi a primeira vez que se encontrou escrito o vocábulo “den-

tista”, constituindo-se, a partir de então, a denominação do profissional autônomo no Brasil.

A partir do século XIX, a Odontologia continuou sendo exercida de forma bilateral: de um lado atuam os habilitados e de outro os não habilitados. Esses não habilitados não eram necessariamente barbeiros. Esta prática foi sempre combatida mas nunca cessada, pelo menos até meados do século XX.

Através do decreto de 15 de agosto de 1851, os novos estatutos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foram aprovados. Surge, então, o exame para profissão de cirurgião-dentista. Esse exame constituía mais um obstáculo ao exercício indiscriminado da profissão.

Em 1884, foi oficialmente instituído o Curso de Odontologia nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, com duração de 02 anos.

Ao terminar o curso, o aluno recebia o título de dentista, sem colar grau e outras formalidades.

Essas relações de confronto são generalizadas no Brasil. Criaram um espaço de debate no longo período que vai desde a década de 1930 até a de 1960. Ao final deste, a Odontologia adquire nova identidade impondo-se com o atual modelo de regulamentação do exercício da profissão no país. Isto resultou na reorganização da prática e na reorganização do ensino superior da Odontologia.

Com a criação de novos cursos, as entidades de classe começam a se destacar. Nessa área duas das mais antigas, a ABO (Associação Brasileira de Odontologia) e a APCD (Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas) tornam-se revigoradas. Fundam filiais e passam a realizar um trabalho mais abrangente, oferecendo condições para o crescimento profissional de seus associados e zelando pela ética na profissão.

EM ARAXÁ

Em Araxá não foi diferente de outras regiões do Brasil. O exercício da Odontologia não requeria conhecimento científico. Os práticos detinham prestígio e poder, pois suas técnicas eram bem respaldadas socialmente.

A dor de dente fazia parte da cultura da época, uma vez que o tratamento dentário era feito sem anestesia. Não se tratavam as cáries e nem canais. O procedimento usado era a extração – feita sem anestesia. Daí o medo de ir ao dentista.

Com a evolução dos estudos nesta área, mudaram a conduta e passaram a preservar e tratar o dente cariado, sempre usando da anestesia com a finalidade de o cliente não sentir dor. Este foi o fator responsável pela mudança da mentalidade de “ter medo de dentista”.

Com a criação do curso superior de Odontologia e com as estratégias estabelecidas notou-se a emergência de uma

prática social disciplinadora nesta área. Com isso ocorrem práticas divisoras: a “velha prática dos práticos” e a “nova prática técnica dos cirurgiões-dentistas”. Foi necessário que os dentistas-práticos se habilitassem procurando cursos que os equiparassem aos que possuíam a regulamentação profissional.

Surge a primeira entidade da classe em Araxá. A primeira ata, datada de 10 de julho de 1935, institui a União Odontológica, que tem por objetivo primordial proteger a classe de dentistas em todos os sentidos. Nela um item sobressai, ilustrando o momento em que os dentistas formados vivenciavam uma relação conflitante com os mais antigos que exerciam a profissão sem serem formados: **“assegurar aos seus associados todos os direitos de justiça, não permitindo que nenhum dentista exerça a profissão, sem que tenha os seus documentos perfeitamente legalizados nas repartições competentes”**.

ATA DE CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ODONTOLÓGICA

Acta de fundação da "União Odontológica de Araxá" realizada no dia 10 de julho de 1935

Aos dez dias do mês de julho do ano de mil novecentos e trinta e cinco (1935) na sala do Hotel "Araxá", nesta cidade de Araxá, as 8 horas da noite, com a presença do Dr. Assis Moreira, cirurgião dentista e bacharel, residente em Uberaba, e os senhores Mário Porfírio de Azevedo, Manoel Hermógenes Lyra, Alcino França, Marcos Tommasovich, Tuffi Feres, todos emigrados dentistas e residentes nesta cidade, o Sr. Dr. Assis Moreira abriu a sessão, depois o Sr. Aquella reuniu e sua função, nesta cidade a União de Emigrantes Dentistas de parte entretidas e terá por scopo proteger em todo os assuntos a classe. Discorreu sobre o assunto, o Dr. Assis Moreira, depois q' o Sr. da União sua o seguinte: para personalidade jurídica, obedecendo as leis em vigor do país, assegurar aos seus associados todos os direitos de justiça não permitindo q' nenhum dentista recorra a uma profissão sem q' tenha os seus documentos legalmente legalizados nas repartições competentes. A União ficará com o direito de quando achar conveniente se filiar ao syndicato mais próximo da região, e enviar no dia de eleição

um de seus membros q' eleger o seu representante de classe em cargos publicos, em caso de dissolução (da União) o patrimônio a União q' existir, será revertido em parte publica em beneficio de instituições de caridade; cada socio pagará uma joia de 20000 e uma mensalidade de 5000. A União se esforçará junto ao governo q' seja mantido os seus assessorias para assistência dentaria gratuita aos meus nos pobres dos nos grupos escolares. Affirmação e explanação o Dr. Assis Moreira nomeou em a Directoria e reger os destinos da União, q' ficou composta dos seguintes membros: Mário Porfírio de Azevedo, presidente, Manoel Hermógenes Lyra, secretario, Alcino França, tesoureiro, Tuffi Feres, delegado. A elaboração dos estatutos pelo qual se autoriza a União Odontologica de Araxá a sermos semo regitraldo em 30 particas propria e uma copia ficar lançada neste livro dentro do menor prazo de tempo possível. E como nada mais houve q' ser tratado, foi a sessão encerrada, da qual como secretario, para as devidas fins em Manoel Hermógenes Lyra, lavrou a seguinte acta, que assigra.

Araxá 10 de julho de 1935

Mário Porfírio de Azevedo — Presidente
 Manoel Hermógenes Lyra — Secretario
 Alcino França — Tesoureiro
 Marcos Tommasovich
 Tuffi Feres
 José de Mello

O Dr. Assis Moreira, cirurgião-dentista e bacharel em Direito, residente em Uberaba, foi convidado para abrir a sessão e nomear os membros da "União Odontológica", que teve como presidente o Dr. Mário Porfírio de Azevedo, secretário, Dr. Manoel Hermógenes Lyra e tesoureiro, Dr. Alcino França. Conta ainda nesta ata, a presença dos seguintes dentistas: Dr. Marcos Tommasovich, Dr. Tuffi Feres e Dr. José de Mello. A visão futurista e a motivação dos associados em relação à Odontologia eram visíveis. Surgiram idéias de fazer conferências sobre tratamento e cuidados com os dentes para a população interessada e de incentivar a participação dos sócios nos Congressos fora da região.

Essa diretoria foi reeleita algumas vezes, incluindo novos dentistas e alternando os cargos até 1954.

Em 25 de junho de 1972 foi criada a ABO — Associação Brasileira de Odontologia — Subseção Araxá, sendo Dr. José Deusdete de Resende o seu primeiro presidente.

A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

ALCINO FRANÇA

Filho de Romualdo Teixeira França e Maria Romualda França, nasceu em Araxá no dia 06 de abril de 1878.

Pessoa de princípios morais marcantes era responsável, esforçado e muito religioso. Tinha por hábito assistir à missa e comungar todos os dias.

Seu neto Alcino conta um fato que ilustra uma época em que as pessoas eram mais rígidas e comprometidas com seus valores éticos e morais.

“Um dia, chegando à Igreja, Alcino achou 11 contos de réis. Entregou o dinheiro ao vigário que, por sua vez, esperou alguns dias para ver se alguém reclamava. Com o passar dos dias, vendo que não aparecia o dono do dinheiro, o padre devolveu a Alcino a quantia achada por ele.”

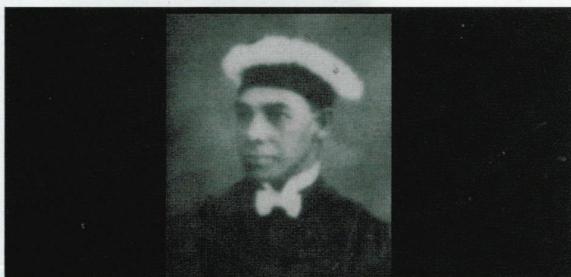
Nas horas de lazer gostava de tocar flauta e jogar bilhar.

Foi dentista prático por muitos anos e seu sonho era formar-se em Odontologia. Fez sua matrícula logo que a Escola de Pharmácia e Odontologia de Uberaba foi implementada. Atingiu seu objetivo fazendo parte da 1ª turma de formandos em 1929. Gostava muito de sua profissão. Seu consultório situava-se na rua Capitão José Porfírio.

Em 1902 casou-se com Carmelita Abadia Cardoso França e teve 5 filhas: Alayde, Maria do Rósario, Carmelita, Maria Conceição e Edith.

Depois que perdeu sua primeira esposa, casou-se novamente, desta vez com Araminta Teixeira França e tiveram 2 filhos: Ione e José Antônio.

No dia 29 de novembro de 1943, faleceu após sofrer um infarto fulminante, na porta da Igreja Matriz, quando chegava para assistir à missa.



Alcino França. 1929. Arquivo SAPP/FCCB.



Alcino França. Década de 1910. Acervo: Alcino de Freitas.

LAUDEMIRO ALVES FERREIRA



Laudemiro e a esposa Maria Augusta. Década de 1930. Acervo: Centro Espírita Caminheiros do Bem.

Nasceu em Campo Grande/MS no dia 21 de fevereiro de 1881.

Casou-se com Maria Augusta e tiveram 15 filhos. Alguns faleceram em tenra idade, de doenças infantis. Sobreviveram: Rômulo (dentista), Rany, Rejane (professora), Ramiro (dentista), Ranulfá (dentista), Ruth, Ruy Augusto (dentista), Eurydes (farmacêutica).

Em 1920, Maria Augusta, sentindo fortes dores reumáticas, foi aconselhada pelo médico a fazer uso das águas termais do Barreiro. Então, o casal veio para cá com os três filhos pequenos. Encantado com

a cidade, resolveu transferir sua residência de Itumbiara/GO para Araxá.

Foi pioneiro do espiritismo em Araxá. Fundou junto com a esposa, Maria Augusta, o primeiro Centro Espírita. Construiu, em terreno de sua propriedade e posteriormente doado, a sede do “Caminheiros do Bem”, situado na antiga rua São Miguel, hoje, Capitão Izidro. Em 1927, criou a primeira diretoria, sendo o primeiro diretor.

Desenvolveu um intenso trabalho de assistência social que consistia na distribuição de sopas, remédios homeopáticos, evangelização, visi-

tas aos enfermos e tratamento espiritual à comunidade carente de Araxá.

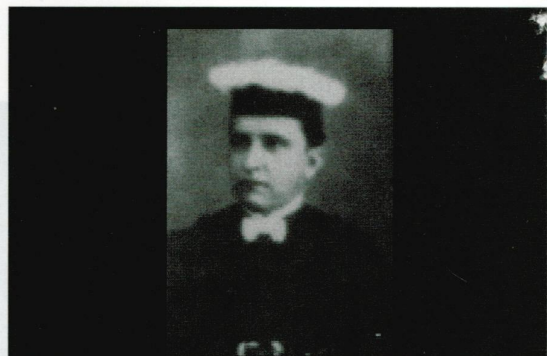
Em 1929, Laudemiro recebeu o diploma de cirurgião-dentista pela Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba.

Foi um ótimo e conceituado profissional, tendo atendido inúmeras famílias araxaenses e da região.

Em 1936, por motivo de aprimoramento da educação dos filhos, mudou-se com a família para Belo Horizonte onde estabeleceu consultório odontológico junto com o filho mais velho, Rômulo, que se formara Odontólogo pela UMG, atual Universidade Federal de Minas Gerais.

Chocados com a morte prematura do filho Rômulo, recém-formado e com 21 anos, Laudemiro e família voltaram para Araxá, dando continuidade ao trabalho interrompido.

Laudemiro faleceu em Anápolis/GO em 19 de setembro de 1966.



Laudemiro Alves Ferreira. 1929. Arquivo SAPP/FCCB.

A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

MANOEL HERMÓGENES LYRA



Manoel Hermógenes Lyra. 1929. Arquivo SAPP/FCCB.

Natural de Pilões/PB, nasceu no dia 08/09/1894, filho de Augusto e Maria Augusta de Menezes Lyra.

Na Paraíba fez os primeiros estudos e, ainda jovem, fixou-se no Rio de Janeiro onde trabalhou em um estabelecimento de artigos odontológicos. Com a eclosão da 1ª Grande Guerra (1914-1918) e conseqüente fechamento da empresa, Lyra retirou o crédito que possuía em instrumental para dentistas, inclusive um motor acionado a pedal.

Como dentista prático, viajando a cavalo, Lyra passa a atender os moradores da Zona Rural. Não se tem notícias do roteiro que o trouxe até Araxá. Aqui chegando, monta o seu consultório dentário na antiga rua São Miguel. Nesta cidade conheceu Dinorah de Almeida (Zazá) com quem se casou em 11/12/1925. Dois filhos: Augusto (Aparecida) e Olenka Odette (José Renato). Quatro netos e quatro bisnetos.

Matriculou-se na Escola de Pharmácia e Odontologia de Uberaba onde, nos dias úteis, lá permanecia estudando e se aprimorando. Formou-se em 1929.

Dr. Lyra de tudo fazia e o fazia bem. Dedicado aos estudos, era profundo conhecedor da História do Brasil. Gostava de música e, quando o tempo lhe permitia, exercitava-se na flauta.

Gostava da natureza, tirando dela o que ela tinha a oferecer. No grande pomar de sua residência, cultivava uvas, fruta rara por aqueles tempos. De Jundiá/SP mandava vir ou-

tras espécies de frutas que chegavam pela linha férrea, RMV (Rede Mineira de Viação). Criava, ainda, abelhas da raça "Jataí" e chegou mesmo a encomendar bulbos de tulipas na Holanda. Recebeu-as, plantou-as, sem resultado.

Espírita atuante, dirigiu o Centro Espírita "Caminheiros do Bem" no período entre 1935-1943 e foi membro do Rotary Clube de Araxá. Na confluência das ruas São Miguel (atual Capitão Izidro) e Nossa Senhora da Conceição funcionou, durante muitos anos, o Hotel Alliança, de sua propriedade. Sua pequena biblioteca foi doada à Escola Técnica de Comércio em 1959.

Em 1963, ano do falecimento de Dona Zazá, voltou ao Rio de Janeiro. Antes de partir, doou à Escola Rotary do Bairro Santa Rita o seu gabinete dentário, bem como um boticão gravado M.H.LYRA e o motor que o acompanhara em suas andanças pelo sertão. Faleceu em 03 de novembro de 1971.

Dr. Lyra trajava-se com elegância e esmero. Não dispensava o uso diário da gravata borboleta, suspensórios e colete. A lembrança dos que o conheceram será sempre a de um homem de bem. Inteligente, profissional sério, educado, caridoso, conhecedor e amante da natureza. E ainda, amigo, pai e esposo exemplar.



Manoel Hermógenes Lyra. s/d. Acervo: Olenka Odette Borges.

MARKO RUDOLF TOMASOVIC'



Marcos Tomasovich. 1929.
Acervo: Ondina de Abreu
Tomasovich Neuppmann.

Cada um traz, em sua bagagem, uma trajetória de vida rica em experiências, lutas, fatos marcantes e por vezes pitorescos. A história de Marko ou Marcos Rudolf Tomasovic' não foi diferente. Contava apenas 19 anos, quando deixou o seu país de origem, a Croácia, assolada pela guerra, e se aventurou em busca de um lugar onde existisse paz e oportunidades de trabalho.

Na cidade em que nascera, Kucice, em 14/04/1886*, na região da Dalmácia, litoral da Croácia, deixou os pais, Stipe Tomasovic' e Iva Vukovic'. Por aquela época a Croácia bem como países vizinhos viviam sob o Império Austro-Húngaro, razão de constar no seu

passaporte (assinado pelo imperador Francisco José) a nacionalidade austríaca. História semelhante ocorreu com sírios e libaneses que, sob o domínio da Turquia, eram chamados "turcos".

O navio que o levava enfrentou violenta tempestade e, à deriva, chegou às costas da Terra do Fogo - Argentina. Corria o ano de 1905. De lá, Marcos percorreu um longo caminho, antes de chegar ao Rio de Janeiro em 1910, onde prossegue os estudos de Farmácia e o de dentista prático, iniciado em Almissa, Croácia. Do Rio viaja por várias cidades, exercendo a profissão de dentista, até chegar ao Triângulo Mineiro.

Em Araxá, casa-se com Ondina Araújo, com quem teve dois filhos: Marcos, que viveu apenas 6 meses e Milton (Terezinha), quatro netos e seis bisnetos. Cultivou muitos amigos, graças à sua presença afável e gentil. Terno, colete, gravata e relógio de bolso faziam parte de seu trajar cotidiano.

Na Escola de Pharmácia e Odontologia de Uberaba, forma-se pela 1ª turma, em 1929.

Não tendo servido ao exército, nunca pôde retornar à Croácia. O contato com a família se fez através de correspondência e, caso de lá chegasse envelope assinalado com tarja preta, mantinha-o por dias, guardado no bolso, temendo abri-lo.

Por ocasião da unificação de vários países, inclusive a Croácia, sob o domínio do Marechal Tito - Iugoslávia, o comunismo se instala. Vítimas desse regime, seus familiares viram-se, da noite para o dia, sem teto e sem trabalho.



Marcos e esposa Ondina. Rio de Janeiro. Década de 1910. Acervo: Ondina de Abreu Tomasovich Neuppmann.



Stipe e Iva, pais de Marcos. Croácia, s/d. Acervo: Ondina de Abreu Tomasovich Neuppmann.

A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

Dr. Marcos a todos socorria, enviando roupas e dinheiro. Disso ninguém nunca soube. Só mesmo, anos após a sua morte, quando da visita de sua neta Ondina à Croácia, tiveram notícias desses atos de generosidade.

Correto em seu viver, deixou aos que lhe sucederam, exemplos de trabalho, coragem e sabedoria.

Faleceu em agosto de 1978. Entre os seus pertences, havia um "Contrato". Cabia ao cliente usar a dentadura e

só pagá-la, se o trabalho fosse aprovado.

***Novos documentos nos fazem retroagir ao "Lugar de Memória", vol. I, publicação da FCCB (2001), retificando o ano de seu nascimento. O correto é 1886 e não 1884.**

JOSÉ DE MELLO

Nasceu na cidade mineira de Passos no dia 18 de julho de 1886. Era filho único de Jerônimo de Mello e de Maria Umbelina Silva.

Ficou órfão de pai ainda jovem e foi criado por sua mãe que lhe transmitiu os ensinamentos básicos: honestidade, responsabilidade, perseverança, etc.

Depois, mudou-se com sua mãe para

a cidade de Delfinópolis, no sul de Minas Gerais.

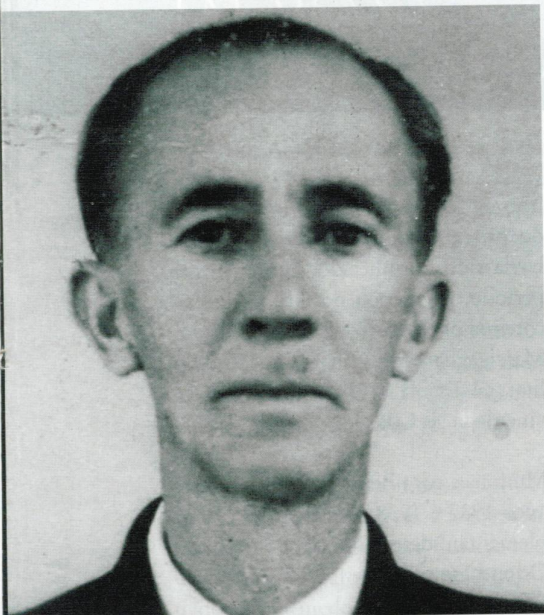
Na adolescência, sua mãe colocou-o para trabalhar como auxiliar de um dentista da cidade que, infelizmente, não o tratava de forma respeitosa. Isto não foi motivo para que ele desistisse do ofício. Tornou-se um grande profissional nesta área.

Casou-se pela primeira vez com Noê-

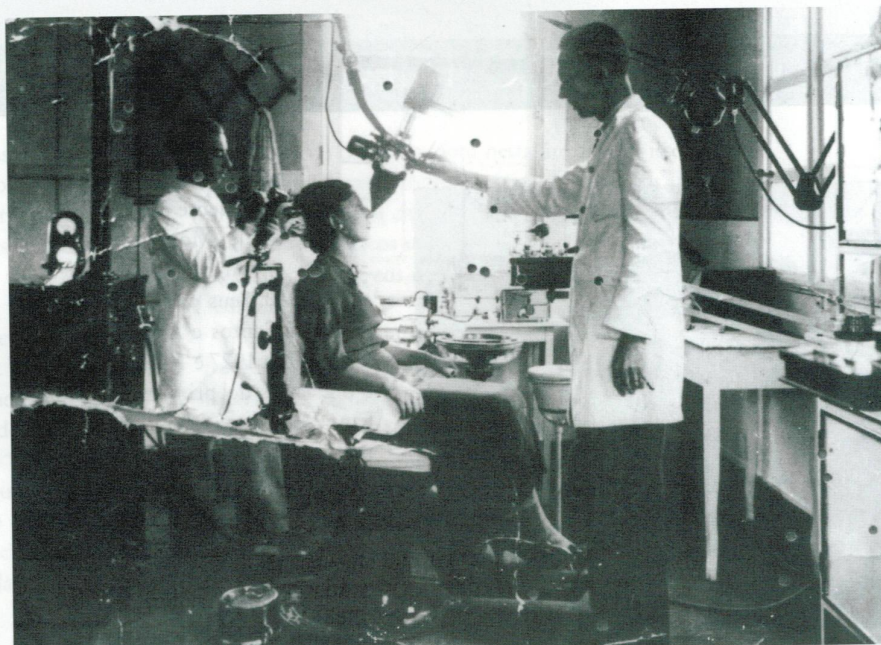
mia Lemos e teve 2 filhos: Ulisses (que seguiu a carreira do pai) e Alice. Anos depois, perdeu sua esposa.

Mais tarde, casou-se pela segunda vez com Libânia Inácio de Almeida com quem teve 5 filhos: Milton, Milta, Holmes, Holmísio e Delta.

Em 1929, formou-se cirurgião-dentista na primeira turma da Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba.



José de Mello, Década de 1940.
Acervo: Delta de Mello.



Interior do consultório de José de Mello. Década de 1930. Acervo: Delta de Mello.

Visando a complementar a educação dos filhos, José procurou encontrar uma cidade que atendesse a esta sua necessidade. Teve como opções as cidades de Uberlândia e Araxá. Escolheu Araxá, por ser uma cidade hospitaleira, famosa por suas águas minerais e clima agradável. Em Araxá continuou exercendo a sua profissão.

Ampliou e equipou o seu consultório, sendo um dos primeiros dentistas a adquirir um possante aparelho de Raio X alemão que registrava, além dos dentes, todos os ossos do corpo humano.

Novamente viúvo, casou-se pela terceira vez com Rita Santos e teve um filho: Antônio. José sempre manteve a família unida.

Faleceu em 05 de fevereiro de 1948, aos 62 anos.



Primeiro plano, da esquerda para a direita: Geraldo (neto), Ritinha (3ª esposa), José de Mello, Antônio (filho), Terezinha e Maria Lúcia (netas). Segundo plano, da esquerda para a direita: Auxiliadora (neta), Benedita (nora) com o Roberto no colo, Ulisses (filho), Holmísio (filho), Holmes (filho), Milton (filho), Adolfo (genro), Milta (filha) e Delta (filha). Década de 1930. Acervo: Delta de Mello.

FRANCISCO THEÓPHILO DOS SANTOS



Francisco Theóphilo dos Santos. 1941. Acervo particular.

Descendente das famílias Santos e Montandon, nasceu em Araxá no dia 15 de março de 1920. Seus pais Théophilo Ferreira dos Santos e Alice Ribeiro dos Santos. Em 1927 e 1928, estudou o 1º e o 2º anos do primário no Colégio Santa Filomena que funcionava na praça Cel. Adolpho e, nos anos de 1929 e 1930, cursou o 3º e 4º anos no Grupo Escolar Delfim Moreira.

Em 1931, ingressou no Colégio Dom Bosco onde cursou durante seis anos o ginásio. Nesta época, concluiu-se o curso ginásial em cinco anos. Por ser integrante da primeira turma, Chiqui-

nho os fez em seis, pois no exercício do primeiro ano, o curso ainda não havia sido reconhecido. Durante este período, participou do Grupo de Escoteiros organizado pelo Pe. Antônio Marcigaglia e prestou o Serviço Militar na Escola de Instrução Militar, vinculada ao Colégio.

Mudou-se para Belo Horizonte e, nos anos 1937 e 1938, fez o Curso Complementar destinado ao Curso de Odontologia.

Em 1939, prestou vestibular e ingressou na Faculdade de Odontologia e Farmácia da Universidade de Minas

Gerais — momento em que esta se federalizou — hoje, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Depois de formar-se cirurgião-dentista em 13 de dezembro de 1941, retorna a Araxá.

Em 21 de setembro de 1946, casou-se com Vera Nair Coelho e já completou mais de 60 anos de união. Tem dois filhos: Lídia e Sidney, seis netos e três bisnetas.

Para Chiquinho, “a família é a base de toda a sociedade. Se uma família é bem formada, seus descendentes também o serão e assim estarão contribuindo para a formação de uma nação forte e poderosa. Toda a minha aspiração na vida foi constituir uma família séria, honesta e feliz o que, com a graça de Deus, consegui”.

Trabalhou como cirurgião-dentista em

Araxá por mais de 40 anos.

Em 1952, foi nomeado dentista da então Secretaria de Estado de Saúde e Assistência, seguindo carreira vinculada ao Estado de Minas Gerais até aposentar-se pelo INSS no início dos anos 1980.

Trabalhou também no Centro de Saúde de Araxá, nos antigos grupos escolares Delfim Moreira e Lia Salgado.

Aposentou-se pela segunda vez, porque atuou como dentista de 1942 a 1982, em sua Clínica Odontológica particular.

Ocupou a presidência da União Odontológica de Araxá no período de 1941 a 1948 e foi tesoureiro da ABO — Associação Brasileira de Odontologia Subseção de Araxá — associação que substituiu a anterior, União Odontológica.

Foi nomeado pelo então governador de Minas, Juscelino Kubitschek, Inspetor Estadual, cargo que ocupou de 1962 a 1965, aproximadamente. Chiquinho participou ativamente da vida escolar (reuniões, cerimônias oficiais, formaturas, assinatura e concessão de diplomas e discursos).

Participou de cursos de aperfeiçoamento em Ortodontia Preventiva em Uberaba e Araxá. Participou também, como membro efetivo, do 1º Congresso de Centros de Estudos Odontológicos do IPSEMG.

Além de exercer a Odontologia, trabalhou como pecuarista em sua fazenda, no município de Perdizes.

Hoje, Chiquinho é integrante da Turma de Amigos que se reúne em um banco da praça Governador Valadares, duas vezes por dia.



Chiquinho com a esposa Vera e os filhos Lídia e Sidney, 2007. Acervo particular.

TUFFI FERES



Tuffi Feres. 1929. Acervo: Angelina Feres Tannús.

Filho de José Jorge Feres e Rosa Feres Galdino, imigrantes libaneses. Nasceu em Conquista/MG no dia 1º de maio de 1907. Ainda bebê, mudou-se com os pais para Araxá.

Em 1932, aos 25 anos, formou-se em Odontologia na cidade paulista de Ribeirão Preto.

Quando para aqui retornou, instalou o seu consultório na rua Calimério Guimarães esquina com Av. Senador Montandon, junto de sua residência. Atuou por mais de quarenta anos. Sua clientela era formada por araxaenses e também por tapirenses.

Foi casado com Laila Abdo Feres e não teve filhos. Faleceu em julho de 1977 em Araxá.

JOSÉ TERRA

Nasceu em Sacramento/MG em 10/05/1902 e era filho de Osório e Etelvina Terra.

Passou a mocidade em cidades próximas à região, incluindo Araxá. Gostava de esportes e era exímio nadador. Formou-se na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, vindo depois se estabelecer em Araxá. Seu consultório situava-se em uma casa antiga na rua Presidente Olegário Maciel, onde atualmente funciona a loja Jovi Móveis e Decorações.

Casou-se com Juracy Terra, sua prima e irmã do seu grande amigo Olavo Terra. Teve uma filha, Helena Maria.

Faleceu em 26 de agosto de 1947 em um acidente com o avião que pilotava, na cidade de Pedregulho/SP.



Os primos José e Olavo Terra. Acervo: Iolivan José Terra.

A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

OLAVO TERRA

Filho de Ambrolino Terra e Maria Marques Terra. Nasceu em 20/03/1919 em Sacramento/MG. Araxá fez parte de sua infância e juventude.

Em 1945, casou-se com Iolanda Soares da Costa e teve 3 filhos: Eloise, Iolivan e Tércio.

Iniciou-se como dentista prático em

Araxá, enquanto estudava na Escola de Odontologia no interior de São Paulo. Trabalhava no consultório do Dr. José Terra, na rua Presidente Olegário Maciel.

Olavo e José Terra eram ligados por traços de parentesco e de amizade. No dia 26 de agosto de 1947, época em que receberia seu diploma, sofreu um acidente de avião pilotado por

José Terra. Ele sobreviveu ao acidente mas, após sua recuperação, não retornou à Escola de Odontologia e, pouco tempo depois, abandonou a profissão.

Em meados de 1957, mudou-se com a família para Belo Horizonte e em 1960 para Brasília, onde faleceu em 6 de agosto de 1967.



Olavo, Athayde, José Terra e outros não identificados. Sentado: Rubens Terra (Divininho). Década de 1950. Acervo: Iolivan José Terra.

MÁRIO PORFÍRIO DE AZEVEDO



Mário Porfírio de Azevedo. 1929. Acervo: Maria Ângela de Azevedo Bittar.

Araxaense, nasceu no dia 20/10/1903, filho de Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores de Azevedo. A municipalidade, em junho de 1990, prestou uma homenagem a Elias através da Escola de Música que leva o seu nome.

Os primeiros estudos, Mário os completou em Araxá e, jovem ainda, iniciou-se no aprendizado da odontologia sob a orientação do Dr. Laudemiro Alves Ferreira.

O casamento com Doralice Afonso de Azevedo aconteceu no dia 25/12/1927. Fundadora e diretora do SOS (Serviço de Obras Sociais) Doralice dedicou-se ao trabalho com a vontade e a força dos que sabem e querem servir. Três filhas: Dulce Consuelo (Plínio), Maria Ângela (Paulo Danilo), Marisa (Reynaldo), além de uma descendência numerosa e bonita.

Pela Escola de Pharmácia e Odontologia de Uberaba, reconhecida pelo Decreto 1.004 de 29/09/1927, Mário colou grau na 1ª turma de formandos — 1929. Retorna a Araxá e exerce a profissão de dentista por mais de 30 anos. Próteses, tratamentos dentários e odonto-cirurgias, realizava-os com a precisão e a sensibilidade dos que sempre procuram o saber mais. Viagens constantes o levavam a Uberaba, Uber-

lândia e Belo Horizonte em busca de novas técnicas. Um dos primeiros aparelhos de Raio X chegou a Araxá pelas suas mãos.

Junto aos colegas Marcos Tomasovich, Manoel Hermógenes Lyra, Alcino França e Tuffi Feres fundou, em 10/07/1935, a União Odontológica de Araxá, tendo sido o seu primeiro presidente.

Com o mesmo carinho e desvelo atendia ricos e pobres. Alegre e extrovertido, tinha sempre um comentário inteligente e perspicaz. Sua simpatia evidenciava-se no sorriso estampado no rosto. Gostava dos livros, da música, da arte cinematográfica e de se manter informado sobre os acontecimentos nacionais.

Exímio em todos os instrumentos que executava, iniciou-se nos estudos musicais, com professores famosos (entre os quais Elviro Nascimento) contratados por seu pai em Uberaba, para que ministrassem aulas a cada um dos filhos. Possuía o dom do “ouvido absoluto”, o que lhe permitia fazer arranjos e transpor para as partituras o que ouvisse.

Fez parte da Banda Musical de seu pai, o Maestro Elias Porfírio de Azevedo, executando bombardino, requinta e clarineta e, posteriormente, dirigiu a Orquestra “Irmãos Porfírio”, como saxofonista e clarinetista. Reconhecida em Araxá e na região, as apresentações que aconteciam no casarão da Av. Antônio Carlos, atraíam grande número de espectadores. A “Tocata”, idealizada pelo Dr. Mário, vem



Mário e a esposa Doralice com as filhas Dulce Consuelo, Marisa e Maria Ângela. 1942. Acervo: Maria Ângela de Azevedo Bittar.

A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

sendo realizada a cada ano em 18 de setembro, dia do aniversário do Maestro, mantendo, assim, a tradição de um tempo que se foi.

Faleceu em São Paulo no dia 26/03/1970, aos 66 anos.

Seu gabinete dentário, o companheiro de quase uma vida, foi doado ao SOS.

No dizer de sua filha, Maria Ângela, "*Mário soube conjugar com maestria, as responsabilidades para com a família, a dedicação à profissão e o prazer pela música*".

JOSÉ CUSTÓDIO DE REZENDE



Bárbara, Jason, José Deusdete, José Custódio, Josué, Maria Célia, Shirley e Jair. Festa de 90 anos de José Custódio. 02/08/2002. Acervo: Maria Célia de Rezende.

Filho de Custódio Rodrigues de Rezende e Rita Maria de Cássia. Nasceu no dia 1º de agosto de 1912, no arraial de São José da Antinha que, na época, pertencia ao município de Araxá e hoje pertence ao de Perdizes.

José Custódio trabalhou de carpinteiro mas queria mais. Sabia que enfrentaria obstáculos devido à falta de oportunidades do lugar onde vivia. Foi quando aceitou o convite dos pais para morar no Colégio Dom Bosco de Araxá. Aprendeu o ofício de dentista com Laudemiro e, por muito tempo, exerceu a profissão de dentista ambulante na zona rural. Instalava seu consultório nas fazendas que visitava e atendia, com muita dedicação, a todas as pessoas da região.

Casou-se com Anna Antônia de Rezende e teve 7 filhos: Bárbara, Jason, José Deusdete, Josué, Jair, Maria Célia e Shirley. Teve 19 netos, 25 bisnetos e 1 tetraneto.

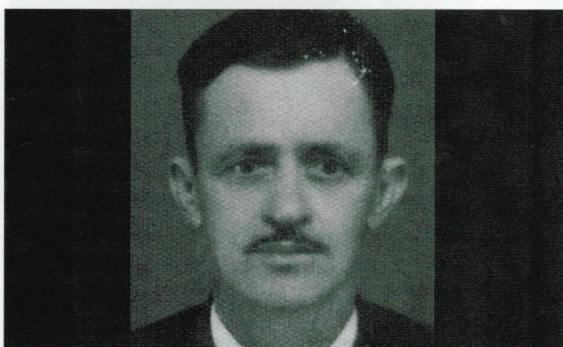
Em 1948 mudou-se com a família para Araxá e trabalhou até 1969. Neste período fez o curso de prótese na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e recebeu o certificado para exercer a profissão de protético dentário.

Estagiou na Secretaria de Defesa Sanitária Animal, em Belo Horizonte e ocupou o cargo de Auxiliar Rural da Divisão do Ministério da Agricultura em Araxá.

José Custódio tinha uma veia política latente e enveredou por esta área tendo sido vereador em Perdizes pela UDN e vereador em Araxá pelo PTB e ARENA. Foi Presidente da Câmara Municipal de Araxá por diversas legislaturas. Até hoje é lembrado como político atuante e de grande liderança.

Seu sonho era ter sucesso no trabalho e encaminhar seus filhos. Conseguiu com esforço e trabalho realizá-lo. Os filhos José Deusdete e Maria Célia seguiram a carreira de dentista e Josué também trabalha dentro da área como protético.

Morreu aos 90 anos de idade, em 10 de maio de 2003, na cidade de Uberaba e foi enterrado em Araxá.



José Custódio de Rezende. Acervo: Maria Célia de Resende.

APULCHRO PORFÍRIO DE AZEVEDO

Nasceu em Araxá/MG no dia 17 de outubro de 1912 no casarão da família, situado na Av. Antônio Carlos, esquina com a rua Cap. José Porfírio onde viveu sua infância e adolescência. Era filho de Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores de Azevedo.

Ainda jovem, em Uberaba, continuou os seus estudos. No dia 26 de novembro de 1934, recebeu, pela Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba, o diploma de Cirurgião-Dentista. Em 27 de janeiro de 1937, o seu diploma foi registrado no Ministério da Educação e Saúde Pública — Diretoria Geral de Educação — 1ª seção e, em 24 de abril do mesmo ano, obteve o seu registro junto à Diretoria de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (Inspeção da Fiscalização do exercício de Medicina). Posteriormente, com a criação do CRO — Conselho Regional de Odontologia do Estado de Minas Gerais, foi



Apulchro Porfírio de Azevedo, 1934.
Acervo: Elizabeth de Azevedo Araújo.

inscrito sob o nº 1745.

Em 1938, casou-se com Cornélia Villela (Lilica) e teve 4 filhos: Maria Marta, Maurício, Elizabeth e Márcio, 4 netos: Ana Virgínia, Margareth, Albano e Bernardo e 3 bisnetos: Rafael, Gabriela e Marina.

Por mais de 45 anos, trabalhou, com muita dedicação, no seu consultório instalado na rua Mariano de Ávila nº 14. Este imóvel, ainda hoje, continua sendo utilizado para o mesmo fim. Obteve sucesso na sua carreira profissional por se tratar de uma pessoa talentosa, criteriosa e habilidosa.

Apulchro também foi músico e compositor. Integrante da Orquestra Irmãos Porfírio de Azevedo, ao piano, abrihantava as noites de “Tocata”.

Dentre as suas inúmeras composições destacam-se o tango “Sonho que Vive”, a valsa “Lilica”, a marcha “10 de Maio”, dedicadas à sua esposa e as valsas “Saudades de Araxá”, “Às 10 da Noite”, a rancheira “Serrando Cabaça” e o hino do centenário de Araxá “Canção à minha Terra” e outras.

Além da música, gostava de literatura e da arte. Durante alguns anos, no Cine Trianon (cinema que pertencia à família), foi responsável pela escolha e projeção de filmes ali exibidos.

Como pecuarista, foi um dos pioneiros na criação do gado leiteiro da raça holandesa e na introdução do sistema de rodízio de piquetes, adotando o método Voisin.

Foi um dos idealizadores e fundadores da CAPAL — Co-



Apulchro com a esposa Cornélia (Lilica) e os filhos Maria Marta, Márcio, Elizabeth e Maurício. s/d.
Acervo: Elizabeth de Azevedo Araújo.

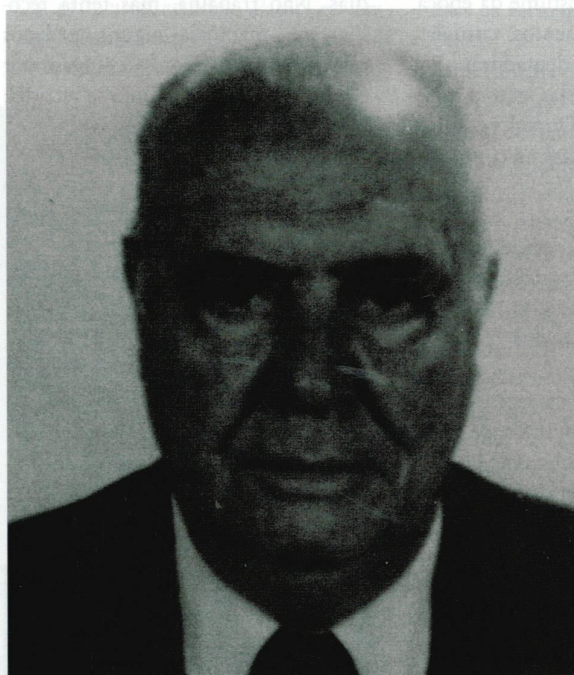
operativa Agropecuária de Araxá Ltda – sendo o seu primeiro diretor comercial.

Apulchro era uma pessoa de hábitos simples e de fé. Vicentino por convicção, foi membro atuante do Conselho do Asilo São Vicente de Paulo. Neste período, com a co-

laboração de amigos, reformou a instituição e construiu uma ala destinada aos idosos. Também por mais de 35 anos, assessorou a Igreja de São Geraldo. Criou e dirigiu o coral dessa Igreja.

Faleceu em 03 de julho de 2000.

CÉSAR HERALDO PEREIRA CARDOSO



César Heraldo. 1990. Acervo: Rotary Clube Araxá.

De família araxaense, César Heraldo Pereira Cardoso, nascido em 14/02/1924, herdou de seus pais, João Pereira Marques Júnior e Lídia Cardoso Marques, valores que o tornaram um grande homem.

Teve 3 irmãos: Eleusa, Gustavo e Júlio Palma, com quem passou a infância. Os primeiros anos de escola foram feitos em Araxá. Mais tarde foi para Belo Horizonte. cursou o ensino médio no Colégio Dom Silvério, a faculdade de Odontologia na UFMG e frequentou a Escola Superior de Guerra.

Casou-se com Conceição Pinheiro e tiveram apenas um filho, Francisco Alberto, e 3 netas.

Trabalhou como cirurgião-dentista em Belo Horizonte de 1947 a 1948. Veio para Araxá em 1949 e clinicou até 1954. Mudou-se para Franca/SP exercendo a profissão até 1959. Mais tarde, já morando em São Paulo, atuou no conhecido Colégio Sacre-Coeur Du Marie e no Grupo Eletro-Cloro e Light até 1972.

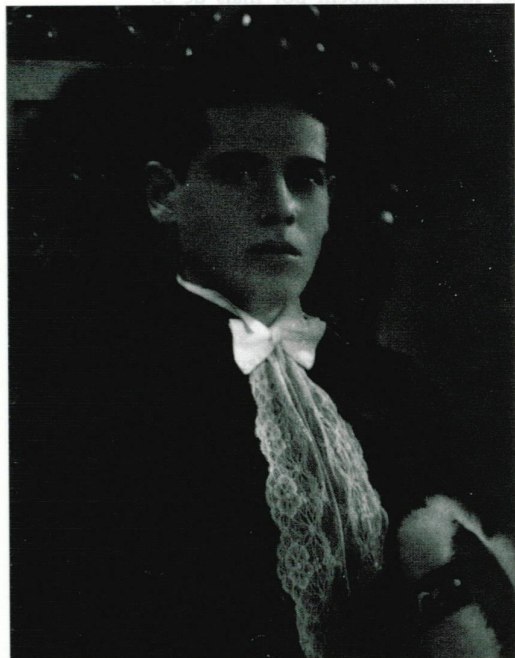
Enquanto odontólogo, pelos seus trabalhos “Flúor e Odontologia” e “Acidentes decorrentes da Anestesia e Exodontia”, recebeu várias homenagens e uma premiação inescusável, que foi uma viagem a Paris.

Logo depois deixou sua profissão, dedicando-se a outras funções: Inspetor de Vendas no Estado de MG da Fábrica Control de Forragens de Jaboticabal/SP; Repórter e Diretor da Revista “O Campo” – Sucursal de BH; Chefe do Laboratório e Vice-Diretor da Usina Central de Leite – BH, hoje ITAMBÉ; Diretor e Superintendente do Grupo Financeiro “Fomento Nacional S/A” – SP, Diretor-Secretário da Agropastoril Pinheiro S/A – Unai e Diretor Financeiro da firma “Porto Feliz” – SP.

De volta a Araxá destacou-se em outras ações: fundou o IPREMA (Instituto da Previdência Municipal de Araxá) e, de mãos dadas com a esposa e amiga de fé, Conceição, entregaram-se ao trabalho voluntário. Serviram no Rotary e Maçonaria, passando por diversos cargos, inclusive de presidentes destes clubes. Muitas manifestações de apreço foram prestadas a ele e a Conceição pelos trabalhos dentro da Maçonaria e Rotary. E, como tudo que fazia era com muito amor e dedicação, pode-se dizer que foi um dos melhores presidentes da Casa do Menor Júlio Dário.

Faleceu em 28/07/2007.

DURVAL DE MELLO BERNARDES



Durval de Mello Bernardes. 1935.
Acervo: Helena Santos Bernardes.

Nasceu em Uberaba no dia 27/10/1914, de uma família de 10 irmãos. Seu pai decidiu que cada filho cursasse faculdade diferente, de tal forma que, no futuro, um haveria de auxiliar o outro. Suas três irmãs formaram-se normalistas.

Foram seus pais: Amâncio José Bernardes e Guiomar de Mello Bernardes. Amâncio, ao falecer, deixou uma fazenda para cada filho.

Durval fez os primeiros estudos no Colégio Diocesano de Uberaba.

Cirurgião-dentista, formado em 12/11/1935 pela Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba, montou, logo após a formatura, um consultório luxuoso, que atendia a todos os requisitos da época, no centro da cidade

de Uberaba.

Veio para Araxá em 1945, trazido por Francisco Theóphilo dos Santos também dentista. Gostou da cidade e aqui se estabeleceu. Calmon Barreto, seu paciente, dizia: “a obturação feita por você, ainda a tenho até hoje.”

Exerceu sua profissão por mais de 50 anos. Conforme o costume da época, fazia de tudo: tratamentos, cirurgias, serviços de prótese, dentaduras. Por este tempo, os dentistas não se especializavam, embora Durval possuísse uma habilidade especial na confecção de dentaduras.

Por não gostar da radioatividade e por considerar os aparelhos de Raio X ineficientes, costumava dizer: “Tenho o Raio X na ponta dos dedos.”

Fazia atendimento em fazendas, levando consigo o motor de pé. Não deixava, contudo, de observar a beleza das moças que via por lá.

Atendia a pessoas ilustres, como na ocasião em que serviu como dentista no Grande Hotel do Barreiro, e a pessoas humildes que iam ao seu consultório. Muitas vezes foi chamado a lugares distantes para a prestação de serviços dentários. Nunca recusou.

Uma história pitoresca: uma grande festa estava para acontecer numa fazenda. O proprietário havia encomendado um dente de ouro. Não gostaria de receber os seus convidados “banguela” (palavra que significava falta de dente). Durval iniciou o seu trabalho de escultura em ouro e, no dia da festa, inadvertidamente a peça foi ao chão. Veio a galinha e bicou. Conclusão: o dente só foi recuperado dias depois e a festa já tinha passado.

Em 24/10/1954 casou-se com Helena Santos, com quem teve 4 filhos: Túlio, Mara (Gerhard Jaekel), Durval Filho e Patrícia (Fabiano P. Franco), além de 4 netos.

Já não exerce a profissão mas, ainda hoje, mantém o seu consultório no Centro Comercial Domingos Zema, para onde se dirige quase todos os dias. Não trabalha, mas tenta recolher na memória alguns pedaços que o tempo deixou. O slogan por ele criado e do qual ainda se recorda: “enxergo através dos corpos opacos”. O que em outras palavras poderia significar: “conheço as pessoas que se acercam de mim.”

Viveu a vida intensamente, esgotando dela tudo o que ela podia oferecer. Gostava de tango, de mulher bonita, de bons vinhos, de carro conversível, de carteados, de dançar e de viajar.

E, como dentista, honrou sua profissão, dedicando aos seus pacientes, a sua alma e o seu talento.

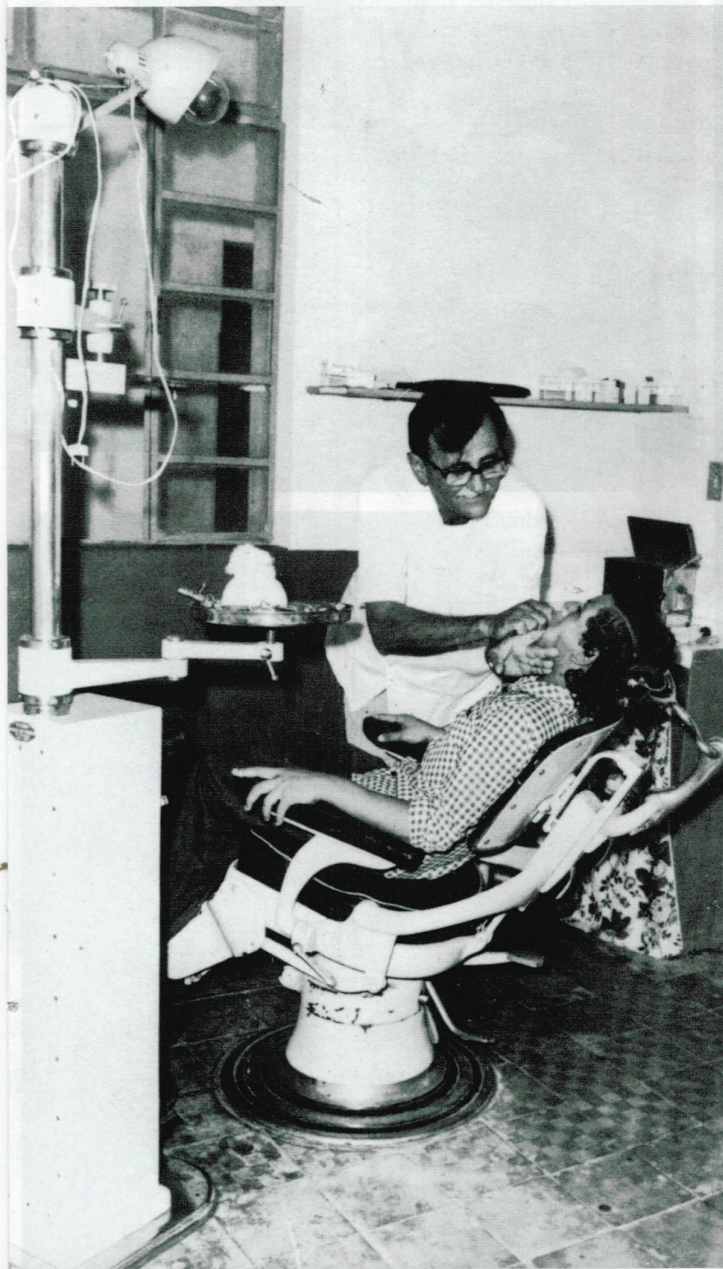


Durval com a esposa Helena. s/d.
Acervo: Helena Santos Bernardes.

A HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM ARAXÁ

ATHAYDE GONÇALVES DE ARAÚJO

Filho de Jovino Gonçalves de Araújo e Leopoldina Gonçalves de Araújo. Nasceu em Sacramento/MG no dia 29 de maio de 1919.



Athayde Gonçalves de Araújo. 1977.
Acervo: Patrícia Gonçalves Araújo Barbosa.

Estudou somente o curso primário.

Aos 18 anos, mudou-se para Araxá para jogar bola. Fez amizade com o dentista Pícolo e passou a ajudá-lo no seu gabinete dentário onde aprendeu o ofício. Herdou de Pícolo o seu consultório.

Neste período, conheceu e casou-se com Natália Montandon e tiveram os filhos: José Athayde, Wagner, Joaquim, Frederico, Luiz Henrique, Davi e Patrícia.

Na década de 40, foi para o Rio de Janeiro e, lá, fez o curso técnico de Prótese com a finalidade de regularizar a profissão de dentista prático. Era especialista na confecção de dentaduras.

Athayde faleceu em Araxá no dia 21 de novembro de 2007, aos 88 anos.

FONTES:

Depoimentos: Alcino de Freitas, Angelina Feres Tannús, Delta de Mello, Eleusa Pereira Cardoso Marcolini, Eliane Natália Bittes Terra, Elizabeth de Azevedo Araújo, Eurydes Alves Ferreira, Francisco de Sales Santos, Francisco Theóphilo dos Santos, Helena Santos Bernardes, Juliana Maria Borges, Maria Ângela de Azevedo Bittar, Maria Célia Resende, Olenka Odette Borges, Ondina de Abreu Tomasovich Neuppmann, Patrícia Gonçalves Araújo Barbosa.

LIVRO DE ATAS da União Odontológica de Araxá - 1ª Associação Brasileira dos Dentistas de Araxá. 1935. Arquivo ABO/Araxá.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Horácio (Org.). *Álbum de Araxá*. São Paulo: Gutenberg, 1928.

CLARIM. Dr. César e D. Conceição - Um casal especial. Coluna: Inside. Araxá, 11/02/2000. Pág. 08.

REVISTA Aventuras na História. *Anais da Ciência, Os Dentes do Ofício*. São Paulo: Editora Abril, ed. 51, pp. 40-45, novembro de 2007.

SILVA, Sebastião de Affonseca. *Apostilas sobre a história de Araxá*. Vol. I e II, Arquivo FCCB.

www.old.unimep.br/fold/historiaodontobrasil
www.scielo.br/scielo

GENTE ESPECIAL

MAGALY CUNHA PORFÍRIO BORGES

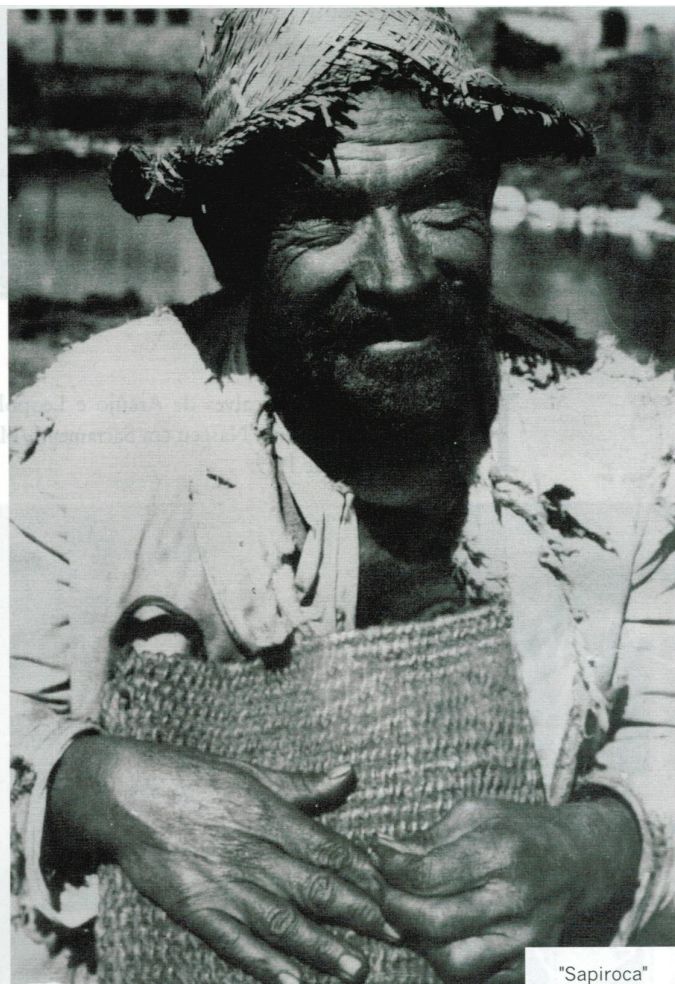
Elas passaram pelas nossas vidas e, assim como chegaram, também se foram. Fizeram parte do nosso cotidiano e trouxeram, cada um a seu modo, o colorido e a alegria.

Abrigados em asilos, acolhidos por algum parente ou amigo, viviam de suas fantasias e de suas lembranças.

Individualizados nas suas características, nada de mal faziam. Acreditamos que eram felizes.

Gostávamos deles e creio na importância de retratá-los para a memória araxaense. Não foi possível obter dados pessoais.

Grande parte das fotos pertence aos arquivos da SAPP/FCCB, doação de Leda Perfeito Natal, filha de José Perfeito, o idealizador desse acervo. As fotos de alguns homenageados são reproduções das existentes no "Bar do Betão", lugar onde também se preserva a memória de Araxá.



"Sapiroca"



"Patá"



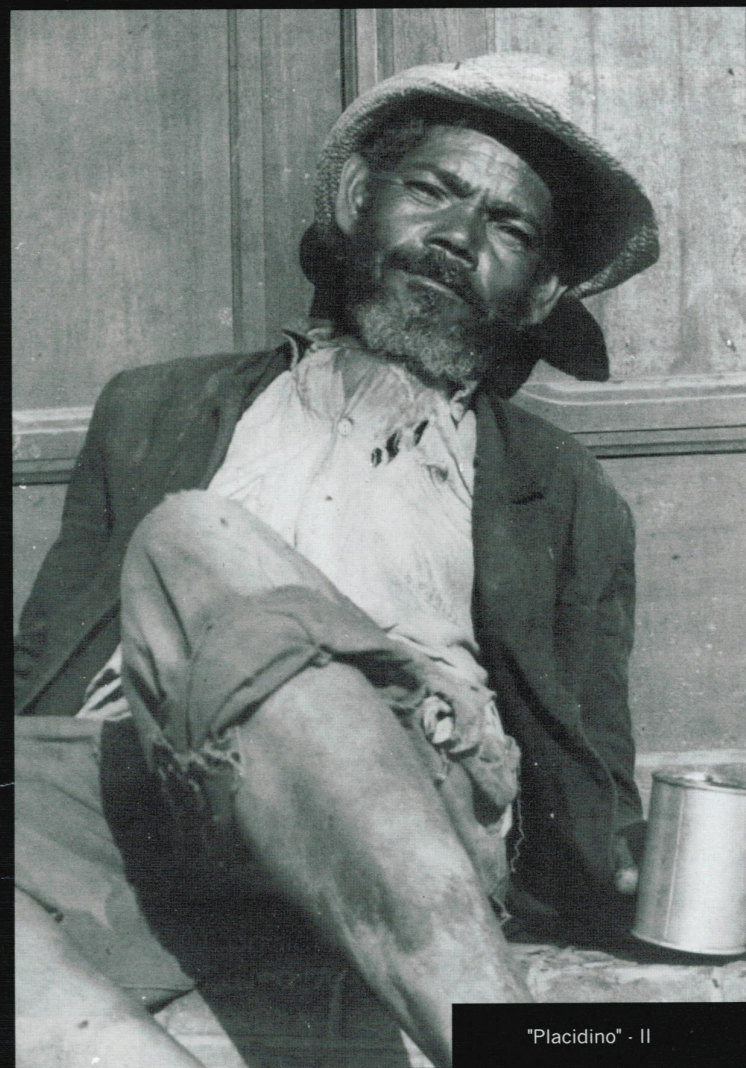
"Dominginho"



"João Sinhô ou João Mamão"



"Tem Areia"



"Placidino" - II



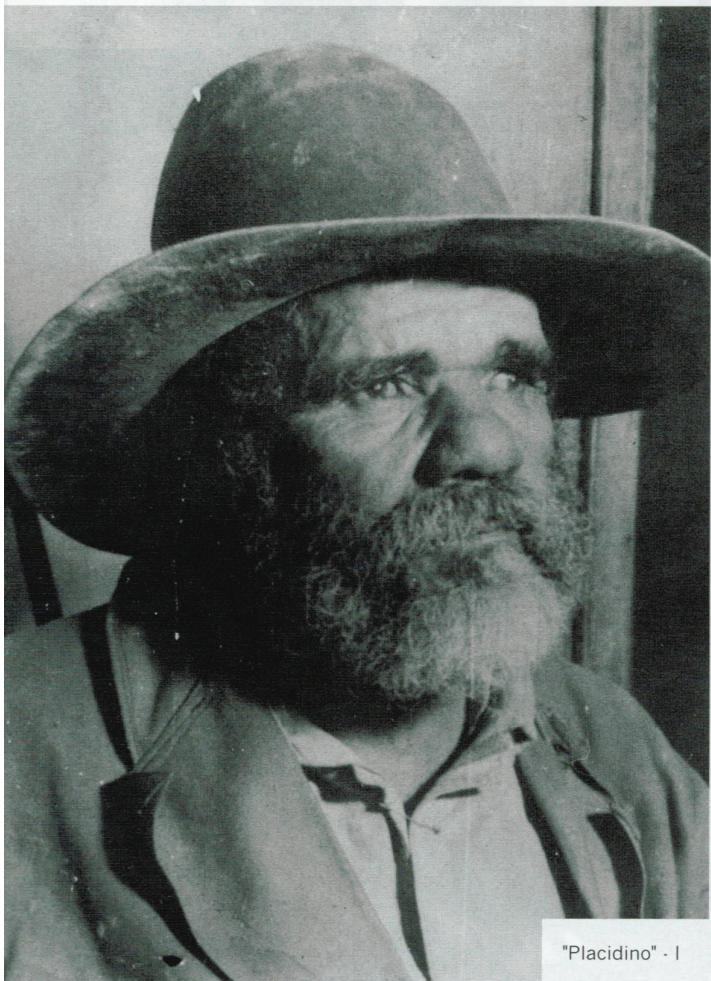
"Xavier"



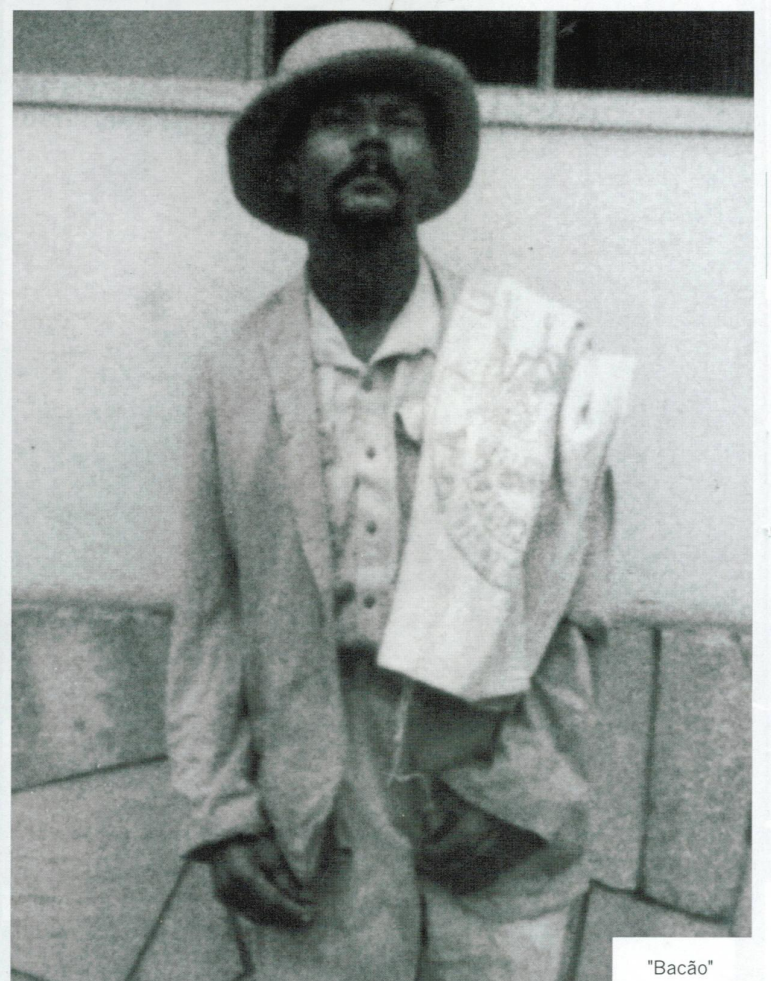
"Doida da Fumega"



"Pedro Jó"



"Placidino" - I



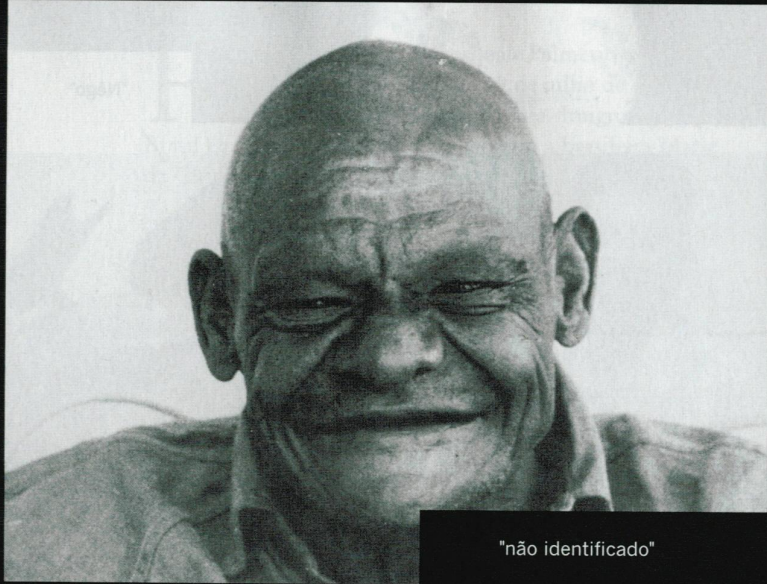
"Bacão"



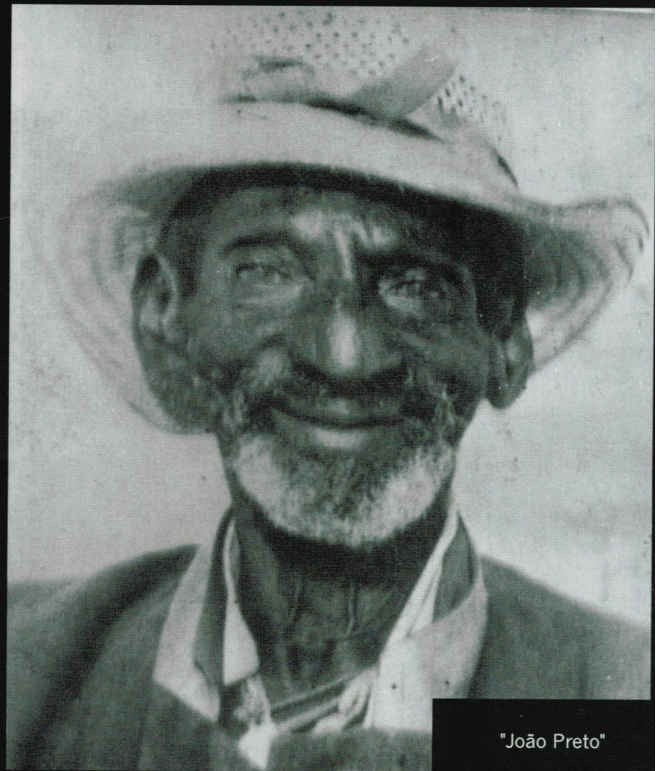
"Abrão"



"Zé Bobo"



"não identificado"



"João Preto"

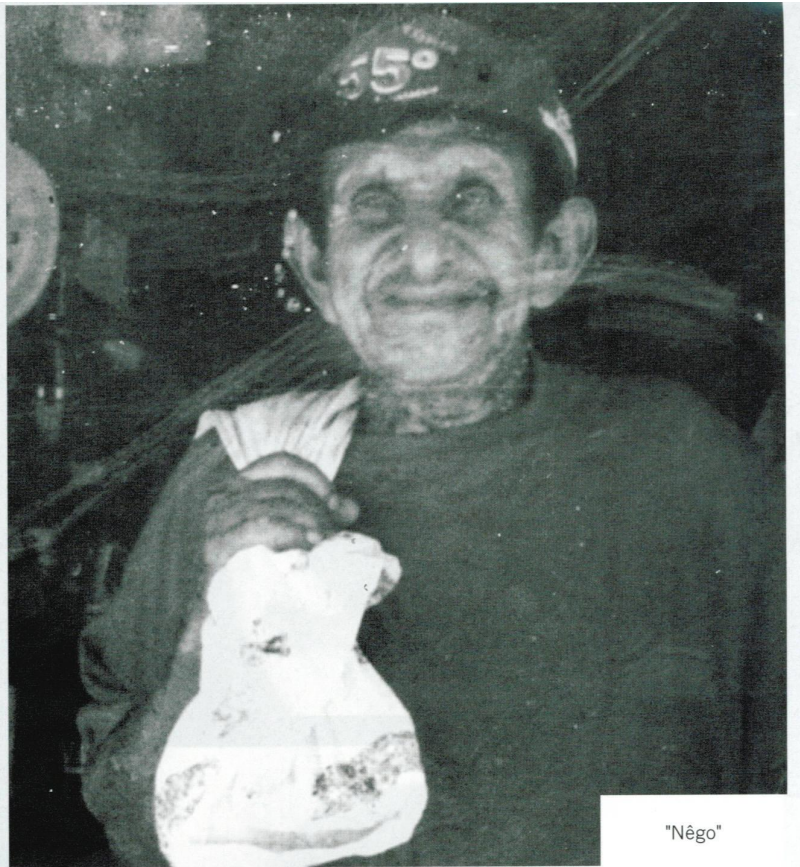


"Tiãozinho"

GENTE ESPECIAL



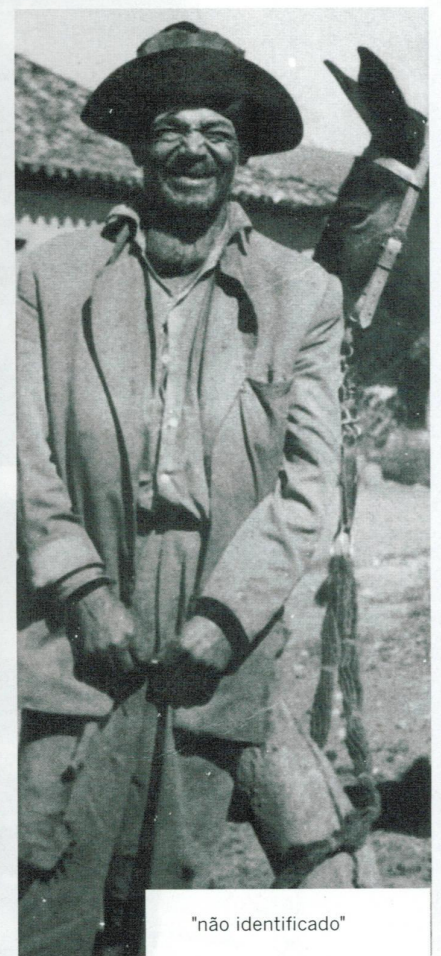
"Zé Baixinho"



"Nêgo"



"Dezoito"

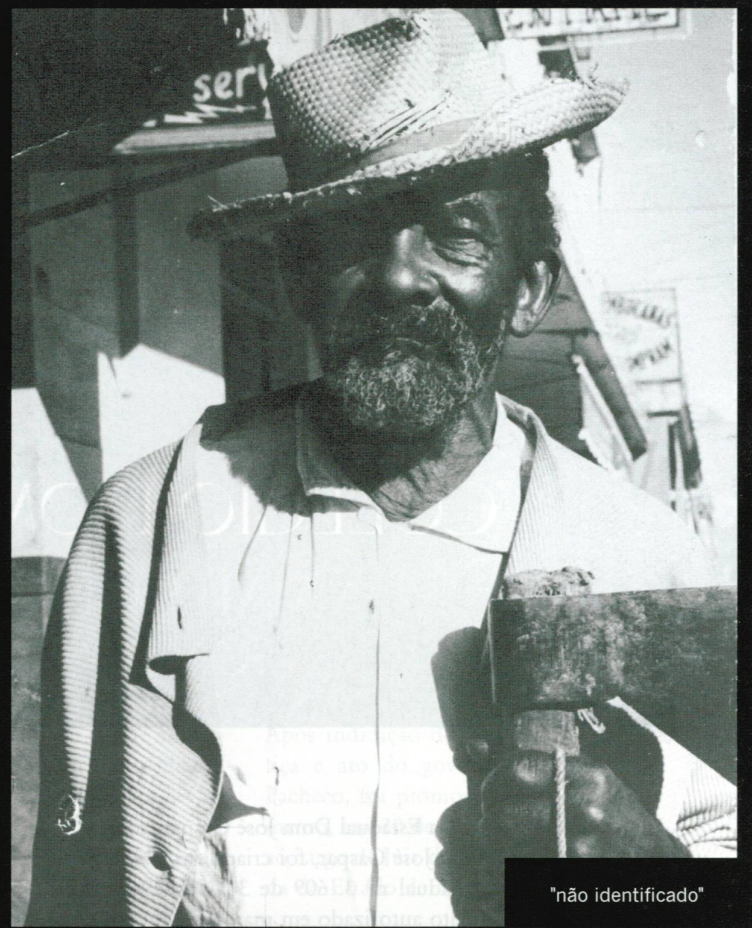


"não identificado"

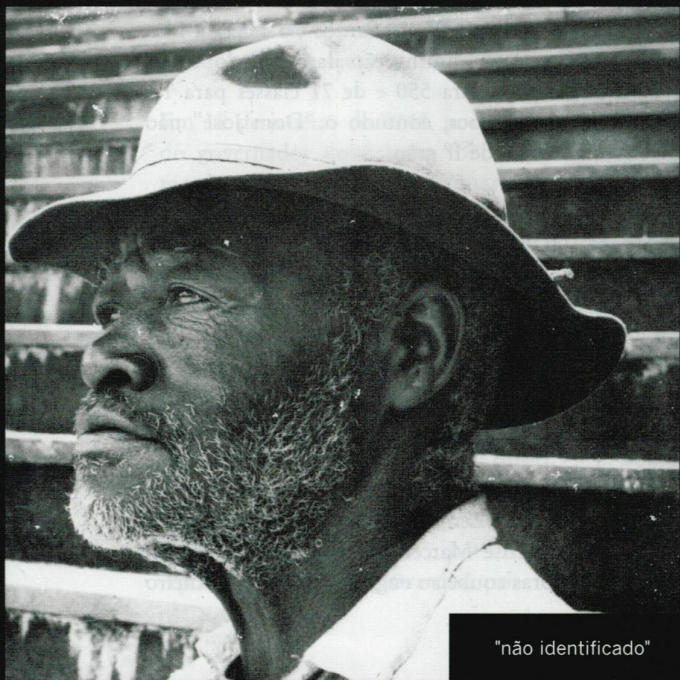
GENTE ESPECIAL



"Geraldo Barbosa"



"não identificado"



"não identificado"



"não identificado"

OFICINA DA HISTÓRIA

*Prof. Ms. Luciano Marcos Curi – Editor.

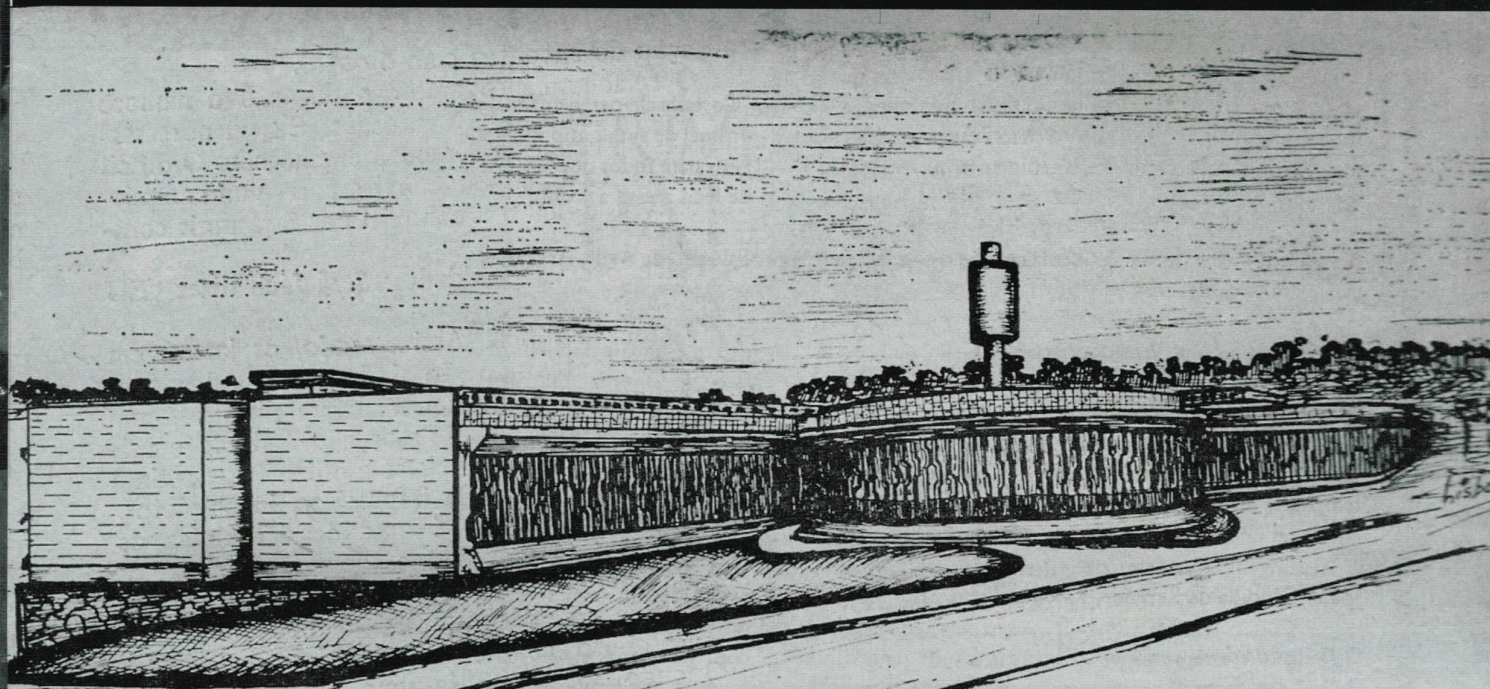
COLÉGIO DOM JOSÉ GASPAR: A MATERIALIZAÇÃO DE UM SONHO ARAXAENSE

A atual Escola Estadual Dom José Gaspar, antigo Colégio Dom José Gaspar, foi criada em 1965 através da lei estadual nº 3. 609 de 30/Nov/1965 e teve seu funcionamento autorizado em março do ano seguinte (Portaria. nº 125 de 25/03/1966). O primeiro dia letivo foi em 01/Abr/1966. Desde o princípio o “Dom José”, forma como a maioria dos estudantes se referem à escola, teve como objetivo oferecer o curso secundário ou colegial (antigo 2º grau, atual Ensino Médio) e o ginásial (antigo 1º grau, atual Ensino Fundamental) aos araxaenses. Até aquela data apenas o Colégio Dom Bosco oferecia o secundário na modalidade colegial em Araxá, mesmo assim, particular o que inviabilizava a continuidade dos estudos de muitos jovens. As dificuldades para cursar o colegial eram supridas pela existência de cursos técnico-profissionalizantes que, durante o período de 1953 a 1996 no Brasil (Lei nº 1.821 de 12 de março de 1953, chamada de “Lei de Equivalência”), permitiam o ingresso no Ensino Superior. Nessas modalidades Araxá possuía o Colégio Jesus Cristo (1959-1974), a Escola Técnica de Comércio (1955-2000) e o Colégio São Domingos (desde 1928), todos particulares. Isso significa que a criação do Colégio Dom José Gaspar, em 1965, e do Ginásio Municipal Vasco Santos, em 1964, atual Escola Estadual Vasco Santos, representaram a implantação, em Araxá, de cursos públicos que preencheram uma lacuna social há muito existente. Era a materialização de um antigo sonho araxaense. O nome atual, Escola Estadual Dom José Gaspar, data de 1974.

O primeiro endereço do “Dom José” foi o prédio do atual Colégio Atena, propriedade do Instituto Educacional Maneira, antiga Escola Técnica de Comércio (Rua Presidente Olegário Maciel, nº 745). Em 1971 o aumento da matrícula levou à criação do curso noturno cujo funcionamento

ocorreu no prédio do Grupo Escolar Delfim Moreira. No ano seguinte, mediante convênio firmado entre a Prefeitura de Araxá e a Secretaria Estadual de Educação foi criado um segundo anexo no prédio da Escola Vasco Santos (Rua Doutor Edmar Cunha, nº 10) que ficou desativada no período de 1971 a 1975. Esse crescimento do “Dom José” representava o atendimento de uma demanda que estava até então sem oportunidade de prosseguir os estudos. Durante este período (1971 a 1975) o “Dom José” era a única escola pública que oferecia o 1º e 2º graus em Araxá, situação que perdurou até 1975 quando o “Vasco Santos” foi reativado como escola estadual autônoma e já com seu nome atual (Decreto nº 16.968 de 31/01/1975). Esse episódio representou um duro golpe para o “Dom José” que, a partir deste momento, ficou obrigado a oferecer apenas o 2º grau e o “Vasco Santos”, o 1º grau. Essa divisão representou uma diminuição alarmante do “Dom José” de 3.200 alunos para 550 e de 71 classes para 14. Houve protestos na época, contudo o “Dom José” não mais ofereceu o curso de 1º grau.

O “Dom José” mudou-se para o prédio atual (Rua Abdanur Elias, nº 100, bairro São Pedro) em 1982. A construção de sua sede própria representou um marco na História da Educação araxaense, pois contrariou a improvisação e a simplicidade arquitetônica até então predominante nas escolas da cidade, o que evidenciou o desejo araxaense de dotar a cidade de uma melhor estrutura educacional. A construção foi custeada pela Prefeitura de Araxá em terreno doado pela CBMM. Houve a tentativa de reservar uma quadra inteira para a escola. A execução das obras ficou a cargo da construtora Zema. O projeto arquitetônico foi do arquiteto araxaense Marcello Gusmão Machado e a supervisão das obras coube ao engenheiro Hélio Carneiro



Croqui do Colégio Dom José Gaspar assinado por 'Lisboa'. Projeto arquitetônico: Marcello Gusmão Machado. Fonte: Jornal Unieducando (Jornal Escolar) n.º 01, jun/1982.

Alves. O prédio foi inaugurado em março de 1982 e foi considerado uma realização imponente para a época, conforme salientou o então prefeito Aracely de Paula.

“A vitória é uma vitória dos estudantes, é uma vitória da direção e dos professores da Escola Estadual Dom José Gaspar. Ela deixa de ser simplesmente uma escola, para se constituir num marco que dirá pelo seu arrojo, pela sua sofisticação, dirá da nossa capacidade de realizar, de conceber, de conseguir.”

Outra marca característica da escola foram seus dirigentes. Muitos ex-alunos(as) se referem a sua época de “Dom José” rememorando os (as) diretores(as). Foram eles(as): Luciano Justiniano Ribeiro (1965-1966), Heitor Gentil Montandon (Abr/1966 a Fev/1967), Lúcia Soares Ferreira (1967-1972), Rosa Maria Chaer Dib Siqueira (1972-1983), Maria José Chadú Assunção (1983-1992), Maria Magdalena de Castro Oliveira (1992-1997), Norma Lúcia de Melo Ribeiro (1998-1999) e prof.^a Rosângela Maria Ribeiro de Rezende (desde 1999). A primeira diretora eleita foi a prof.^a Maria Magdalena de Castro Oliveira.

Os cursos de nível técnico que a escola ofereceu também fizeram história e deixaram saudades. Eles foram ministrados no período de 1981 a 2000 e neles formaram-se várias gerações de técnicos araxaenses. Ao todo foram oferecidos três cursos: Habilitação Básica em Saúde, a partir de 1983, que foi modificado em 1988 para Auxiliar de Enfermagem e, a partir de 1993, para Técnico em Enfer-

magem tendo sido extinto em 1999; Habilitação Básica em Química, também a partir de 1983, modificado em 1987 para Técnico em Química e extinto em 1999; Curso de Magistério que funcionou de 1981 a 1998 ininterruptamente. Em 2000, excepcionalmente, o Curso de Magistério funcionou na modalidade pós-médio. A desativação dos cursos técnico-profissionalizantes ocorreu por determinação legal o que desagradou à comunidade araxaense e deixou uma incômoda lacuna social.

Atualmente o “Dom José” constitui-se numa das maiores escolas de Araxá com aproximadamente 1400 alunos (2008) e 90 funcionários. Ela permanece funcionando em três turnos e continua procurando aliar em sua prática pedagógica “Conhecimento, Crescimento e Integração” há 42 anos a serviço da Educação e da comunidade araxaense.

Prof.^a Sônia Maria Ferreira Pitombeira e
Prof. Ms. Luciano Marcos Curi.

Editor da coluna: Prof. Ms. Luciano Marcos Curi.

* É uma coluna elaborada por alunos e professores dos cursos de graduação e pós-graduação em História, do Centro Universitário do Planalto de Araxá (Uniaraxá).

Observação: a coluna assinada não reflete a opinião da revista e é de exclusiva responsabilidade de quem a assina.

AGRADECIMENTOS

“É com prazer que agradeço aos amigos da Fundação Cultural Calmon Barreto o pronto atendimento e a atenção dispensada à solicitação deste gabinete e quero colocar o mesmo à disposição.

Na oportunidade quero parabenizá-los pelo excelente e eficaz trabalho realizado.”

José Domingos Vaz, Vereador, Araxá/MG.

“Agradeço pelo belo convite que nos enviaram para a Missa Comemorativa do centenário de nascimento do meu irmão José Pereira de Resende. A Fundação Cultural Calmon Barreto, que é dirigida por você, será sempre exemplo de outras entidades de realizações na nossa querida Araxá.”

Joana Cândida de Rezende, Ribeirão Preto/SP.

“O resgate e a preservação da história é uma maravilhosa fonte de pesquisa. Possuímos todos os números. Parabéns à Fundação Cultural Calmon Barreto. É realmente um Trem da História, que vai passando de cidade em cidade, para deixar a mensagem de Araxá.”

Maria Regina Mello Guimarães, Belo Horizonte/MG.

“Em nome dos filhos de Maria Dora Drummond de Paula Lemos (...) venho agradecer a homenagem recebida, através da reportagem sobre o Girassol Clube de Campo. (...) Hoje, certos de que onde ela estiver, emocionada, com um buquê de girassóis, embarca no “Trem da História.”

Cássio Drummond de Paula Lemos, Belo Horizonte/MG.

“Parabéns à equipe da FCCB que montou o espetáculo de maneira primorosa. Para a CBMM é muito bom ter esta parceria com a Fundação para trazer a Araxá aquilo que temos de bom na área cultural.

Estaremos sempre abertos a propostas como esta que vocês nos fizeram de trazermos, em parceria, esta orquestra maravilhosa.”

Antônio Gilberto Ribeiro de Castro, CBMM, Araxá/MG.

“Só agora pelas fotos enviadas, pude ver como estava lotado o Cine-Teatro Brasil, durante a apresentação do renomado pianista e maestro, João Carlos Martins. Tinha gente até em pé. É verdade, vocês fazem lotar qualquer evento. Parabéns mais uma vez ao Circuito CBMM e à Fundação Cultural Calmon Barreto.”

Maria Antonieta Vilela, Belo Horizonte/MG.

“Gostaria de parabenizar o site por disponibilizar a revista online, de suma importância para a cultura de Araxá. Parabéns para todos que fazem a revista e para os que a colocam de fácil acesso a todos.”

Fabício de Ávila, Araxá/MG.

“Agradeço de coração a homenagem prestada aos advogados que trabalharam em Araxá, em especial, Oliveiros Marques de Oliveira. Ele, apesar de não ser araxaense, amou esta cidade. Parabênizo a equipe da FCCB que tão bem sabe resgatar a memória. Obrigada.”

Elba Maria Afonso de Oliveira Alvarez, Belo Horizonte/MG.

“(…) Difícil descrever o que senti vendo ali reunidos: meu avô Aldemar, com seus irmãos e primos entre os fundadores do Aero clube; meus tios; meu pai, também piloto, com suas irmãs e pais na formatura de seu irmão, o filho saudosos que minha avó Adélia perdeu tão cedo, o Wanderley, meu tio, que morreu fazendo o que amava: voar. Esta homenagem e este reconhecimento aos aviadores de Araxá tocou-nos profundamente. Felicito a FCCB pelo belo trabalho realizado”.

Homero Montandon.

“Como foi maravilhoso o passeio que acabo de fazer no 'O Trem da História'. Ele me conduziu ao passado remoto de minha infância na nossa Araxá. Levou-me ao encontro de pessoas tão queridas e saudosas e me encheu de uma saudade deliciosa.

'Oh trenzinho bão', esse que vocês criaram e manejam com muito talento. Parabéns a todos que participam dessa viagem no tempo. E, por favor, tenha-me sempre embarcado no 'O Trem da História.' Com os agradecimentos.”

Antônio Carlos Drummond, Brasília/DF.

“Um misto de emoção e gratidão apoderaram-se de mim, quando fui informada de que Edgard Maneira fora o escolhido para ser homenageado no 'Quem foi Quem', no Trem da História n.º 44, setembro de 2007. Essa manifestação e apreço e reconhecimento, revela, como a equipe da Fundação está de fato ligada às pessoas que muito deram de si para a construção da cidade amada que os viu nascer - Araxá.

Com o meu abraço e o aplauso de todos os familiares.”

Lygia Cardoso Maneira, Araxá/MG.

AGRADECIMENTOS

“É com prazer que agradeço aos amigos da Fundação Cultural Calmon Barreto o pronto atendimento e a atenção dispensada à solicitação deste gabinete e quero colocar o mesmo à disposição.

Na oportunidade quero parabenizá-los pelo excelente e eficaz trabalho realizado.”

José Domingos Vaz, Vereador, Araxá/MG.

“Agradeço pelo belo convite que nos enviaram para a Missa Comemorativa do centenário de nascimento do meu irmão José Pereira de Resende. A Fundação Cultural Calmon Barreto, que é dirigida por você, será sempre exemplo de outras entidades de realizações na nossa querida Araxá.”

Joana Cândida de Rezende, Ribeirão Preto/SP.

“O resgate e a preservação da história é uma maravilhosa fonte de pesquisa. Possuímos todos os números. Parabéns à Fundação Cultural Calmon Barreto. É realmente um Trem da História, que vai passando de cidade em cidade, para deixar a mensagem de Araxá.”

Maria Regina Mello Guimarães, Belo Horizonte/MG.

“Em nome dos filhos de Maria Dora Drummond de Paula Lemos (...) venho agradecer a homenagem recebida, através da reportagem sobre o Girassol Clube de Campo. (...) Hoje, certos de que onde ela estiver, emocionada, com um buquê de girassóis, embarca no “Trem da História.”

Cássio Drummond de Paula Lemos, Belo Horizonte/MG.

“Parabéns à equipe da FCCB que montou o espetáculo de maneira primorosa. Para a CBMM é muito bom ter esta parceria com a Fundação para trazer a Araxá aquilo que temos de bom na área cultural.

Estaremos sempre abertos a propostas como esta que vocês nos fizeram de trazeremos, em parceria, esta orquestra maravilhosa.”

Antônio Gilberto Ribeiro de Castro, CBMM, Araxá/MG.

“Só agora pelas fotos enviadas, pude ver como estava lotado o Cine-Teatro Brasil, durante a apresentação do renomado pianista e maestro, João Carlos Martins. Tinha gente até em pé. É verdade, vocês fazem lotar qualquer evento. Parabéns mais uma vez ao Circuito CBMM e à Fundação Cultural Calmon Barreto.”

Maria Antonieta Vilela, Belo Horizonte/MG.

“Gostaria de parabenizar o site por disponibilizar a revista online, de suma importância para a cultura de Araxá. Parabéns para todos que fazem a revista e para os que a colocam de fácil acesso a todos.”

Fabrizio de Ávila, Araxá/MG.

“Agradeço de coração a homenagem prestada aos advogados que trabalharam em Araxá, em especial, Oliveiros Marques de Oliveira. Ele, apesar de não ser araxaense, amou esta cidade. Parabenizo a equipe da FCCB que tão bem sabe resgatar a memória. Obrigada.”

Elba Maria Afonso de Oliveira Alvarez, Belo Horizonte/MG.

“(…) Difícil descrever o que senti vendo ali reunidos: meu avô Aldemar, com seus irmãos e primos entre os fundadores do Aero clube; meus tios; meu pai, também piloto, com suas irmãs e pais na formatura de seu irmão, o filho saudoso que minha avó Adélia perdeu tão cedo, o Wanderley, meu tio, que morreu fazendo o que amava: voar. Esta homenagem e este reconhecimento aos aviadores de Araxá tocou-nos profundamente. Felicito a FCCB pelo belo trabalho realizado”.

Homero Montandon.

“Como foi maravilhoso o passeio que acabo de fazer no 'O Trem da História'. Ele me conduziu ao passado remoto de minha infância na nossa Araxá. Levou-me ao encontro de pessoas tão queridas e saudosas e me encheu de uma saudade deliciosa.

'Oh trenzinho bão', esse que vocês criaram e manejam com muito talento. Parabéns a todos que participam dessa viagem no tempo. E, por favor, tenha-me sempre embarcado no 'O Trem da História.' Com os agradecimentos.”

Antônio Carlos Drummond, Brasília/DF.

“Um misto de emoção e gratidão apoderaram-se de mim, quando fui informada de que Edgard Maneira fora o escolhido para ser homenageado no ‘Quem foi Quem’, no Trem da História n.º 44, setembro de 2007. Essa manifestação e apreço e reconhecimento, revela, como a equipe da Fundação está de fato ligada às pessoas que muito deram de si para a construção da cidade amada que os viu nascer – Araxá.

Com o meu abraço e o aplauso de todos os familiares.”

Lygia Cardoso Maneira, Araxá/MG.

CENTRO DE CULTURA

Núcleo da Fundação Cultural Calmon Barreto inaugurado em outubro de 2001 situado à rua Pres. Olegário Maciel, n.º 143.

No andar superior funcionam:

• O SETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO:

responsável pelo controle administrativo-financeiro da instituição.

• O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM:

composto pela doação de discos que fizeram parte do acervo da Rádio Imbiara e do de outros araxaenses.

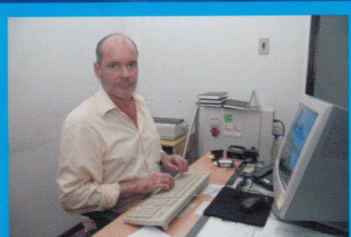
• A BIBLIOTECA DE ARTES:

composta por exemplares do gênero, doados por editoras nacionais e internacionais e, ainda, pela população.

No primeiro piso encontra-se o

• SALÃO DE EXPOSIÇÕES

espaço alternativo para a realização de eventos da Fundação e da comunidade.



FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Prédio restaurado em 2006.

ADMINISTRAÇÃO:

ANTÔNIO LEONARDO LEMOS OLIVEIRA

APOIO:

CBMM – COMPANHIA BRASILEIRA DE METALURGIA E MINERAÇÃO

